



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

## **AS DUAS MEMÓRIAS BERGSONIANAS E SUAS RELAÇÕES COM O CORPO**

Cristiano da Silva Lima

Maceió, fevereiro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES CURSO DE LICENCIATURA EM  
FILOSOFIA

**AS DUAS MEMÓRIAS BERGSONIANAS E SUAS RELAÇÕES COM O CORPO**

**Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de filosofia da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do diploma de licenciatura em filosofia. Orientador: Dr. Fernando Meireles Monegalha Henriques.**

Maceió, fevereiro de 2020.

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L732d	<p>Lima, Cristiano da Silva. As duas memórias bergsonianas e suas relações com o corpo / Cristiano da Silva Lima. – 2020. 71 f. : il.</p> <p>Orientador: Fernando Meireles Monegalha Henriques. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. – Maceió, 2021.</p> <p>Bibliografia: f. 68-71.</p> <p>1. Bergson, Henri, 1859-1941. 2. Memória (Filosofia). 3. Cérebro. 4. Afasia. 5. Hábito (Filosofia). I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 17</p>
-------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE FILOSOFIA

ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE FILOSOFIA

Aos ~~dezeno~~<sup>doze</sup> dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às quinze horas, no Miniauditório do Curso de Filosofia, (Sala 06), no Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes - ICHCA - Universidade Federal de Alagoas - Campus A.C. Simões, compareceu perante a Banca Examinadora composta pelos professores, Dr. Fernando Meireles Monegalha Henriques, Dr. Maxwell Moraes de Lima Filho e Dr. João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias, o graduando **Cristiano da Silva Lima**, matrícula nº 10210802, para oficializar o resultado final da avaliação de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: "*As duas memórias bergsonianas e suas relações com o corpo*".

Obtendo a média final de 9,0 ( NOUS ) tendo sido considerado aprovado por esta Banca Examinadora. E por estar conforme, eu, Fernando Meireles Monegalha Henriques, Presidente da Banca Examinadora lavrei a presente Ata, que vai por mim assinada e pelos demais membros da Banca Examinadora.

1. Prof. Dr. Fernando Meireles Monegalha Henriques - Orientador e Presidente
2. Prof. Dr. Maxwell Moraes de Lima Filho - Membro
3. Prof. Dr. João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias - Membro

Prof. Dr. Fernando Meireles Monegalha Henriques  
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Maxwell Moraes de Lima Filho  
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias  
Membro da Banca Examinadora

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e a Nossa Senhora da Penha minha padroeira, a meus pais Clara da Silva Lima e Cícero Elias de Lima, aos meus avôs, avós e tios maternos e paternos que já se foram ao meu filho Rafael Araújo Granja Lima, a minha família, Salve a família Tributino.

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal de Alagoas, aos *philo* (amigos), aos professores da Universidade Federal de Alagoas, ao Dr. Fernando Monegalha, que me orientou neste trabalho, e os ensinamentos e aprendizados que colhi durante o tempo de minha formação na universidade, pois todas estas experiências foram fundamentais para a minha formação como ser humano e professor de filosofia. Agradeço a todo o composto universal e a mãe Terra.

## RESUMO

Os estudos filosóficos que pretendo investigar se inserem na linha da filosofia contemporânea. Tratarei da discussão do filósofo francês Henri-Louis Bergson (1859-1941) sobre as duas memórias, e as relações entre elas trabalhadas por ele na obra *Matéria e Memória*.

Apresentarei a relação entre elas e os mecanismos da matéria corporal; o corpo, o cérebro, as imagens, os sentidos, as afasias, as percepções e os objetos à nossa volta. Para entender as teorias filosóficas de Bergson é necessário compreender, de forma filosófica, conceitos e relações entre as noções de lembrança-pura, lembrança-imagem, lembrança-imagem/corpo, corpo/cérebro/sentidos, sentidos/percepção, percepção/objetos.

Com estes estudos tenho a intenção de colaborar para os conhecimentos filosóficos, ontológicos e metafísicos acerca do ser, assim como trazer tais discussões no sentido de entender quem somos e como funcionamos.

**Palavras-Chave:** memória, cérebro, afasia, hábito, duração.

## **ABSTRACT**

The philosophical studies that I intend to investigate follow in line with contemporary philosophy. I shall deal with the discussion of the French philosopher Henri-Louis Bergson (1859-1941) on the two memoirs, and the relations between them cited by him, in his work *Matter and Memory*.

I will study the relationship between them and the mechanisms of body matter; the body, the brain, the images, the senses, the aphasias, the perceptions and the objects around us. To understand Bergson's philosophical theories it is necessary to understand, in a philosophical way, concepts and relations between the notions of pure remembrance / recollection-image, remembrance-image / body, body / brain / senses, senses / perception, perception / objects.

With these studies I intend to collaborate on philosophical, ontological and metaphysical knowledge about being, as well as bring such discussions to understand who we are and how we function.

**Keywords:** memory, brain, aphasia, habit, duration.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Hans von Gersdorff: *Feldbuch der Wundarzney*. (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1967). Reprint of the 1517 edition.

figura 2: KANDEL, Eric R, *Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente*, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.137.

figura 3: estruturas cerebrais. Ilustração: Mr. High Sky / Shutterstock.com

figura 4:

<https://pt.slideshare.net/coburgpsych/lesson-5-the-role-of-the-neuron-in-memory-formation-2012-sh?ref=consultado> em 10 de fevereiro de 2020.

figura 5: Encyclopedia Britannica.(Henri Bergson, 1928. *Archiv für Kunst und Geschichte, Berlin*).

figura 6:Montagem e alteração de imagens feita por Cristiano da Silva Lima,a partir de imagens coletadas no site:

<https://www.todoestudo.com.br/biologia/tecido-nervoso>. consultado em 15 de janeiro de 2020.

figura 7: Montagem e alteração de imagens feita por Cristiano da Silva Lima,a partir de imagens coletadas no site:

[https://auditoryneuroscience.com/brocas\\_aphasia](https://auditoryneuroscience.com/brocas_aphasia)), cérebro com a área de Broca afetada (afasia de Broca) e cérebro normal em condições normais, coletado do site.<https://www.todoestudo.com.br/biologia/cérebro>. acessados dia 10 de janeiro de 2020.

figura 8: Guyton & Hall. *Fisiologia Humana e Mecanismos de Doenças*. Ed. Guanabara Koogan. 6 edição. 1996.

<https://netnature.wordpress.com/2016/10/15/mapa-fornece-imagem-detalhada-de-como-o-cerebro-e-organizado-comentado/> acessado em 10 de janeiro de 2020.

figura 9: Montagem e alteração de imagens feita por Cristiano da Silva Lima, a partir de imagens coletadas no site:

<https://stimuluspro.com/blog/afasia-de-broca> acessado em 20 de janeiro de 2020.Esta imagem provém do Wikimedia Commons, um acervo de conteúdo livre da Wikimedia Foundation.

figura 10:

<https://aprenderumacoisanovapordia.blogs.sapo.pt/o-que-e-a-afasia-81071>.consultado em 23 de janeiro de 2020. Adaptado por Cristiano da Silva Lima.

figura 11: Alteração da imagem original feita por Cristiano da Silva Lima, a partir do livro: NETTER, Frank H.. *Atlas de Anatomia Humana*. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

figura 12: Arte Cristiano da Silva Lima a partir de exemplos do Prof. Dr. Fernando Monegalha em sala de aula.

figura 13: Ilustração do livro *Matéria e Memória*, Martins Fontes (2010). p.15

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b>	11
<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>CAPÍTULO 1 - A discussão sobre a memória na época de Bergson</b>	26
1.1 Área de Broca e a lembrança das palavras, discutidas por Bergson em Matéria e Memória	30
1.2 Área de Wernicke, lembrança auditiva e a cegueira verbal, discutida por Bergson em Matéria e Memória	37
<b>CAPÍTULO 2 - As duas memórias citadas por Bergson</b>	40
2.1 A memória espiritual/espontânea e a memória corporal/Habitual	46
2.2 As afasias: Broca e Wernicke, explicada por Bergson	49
2.3 O Reconhecimento atento e por hábito	54
<b>CAPÍTULO 3 - Os graus de duração</b>	55
3.1 A memória e o corpo (cérebro, sentidos, imagens)	58
3.2 Lembrança Pura, Lembrança imagem e percepção.	63
<b>CONCLUSÃO</b>	66
<b>REFERÊNCIAS</b>	71

## INTRODUÇÃO

Na história da filosofia um dos pensadores da idade antiga que elaborou concepções sobre a relação do corpo com o espírito (*nous*) foi o filósofo Anaxágoras de Clazômenas (cerca de 500-428 a.C), O pré-socrático dizia que o espírito ou (*nous*) é quem movimenta o corpo, Anaxágoras já afirmava a existência de um espírito presente no ser humano, entendido como um intelecto, uma mente, uma razão além da matéria corporal.

Porém, a originalidade do sistema de Anaxágoras é a sua concepção do espírito (*Nous*), ou Alma, infinito, eterno e força organizadora de todas as substâncias. (Revista Filosofia Especial Grécia, São Paulo: Escala, n.1, março. 2001. p.39.).

Antes de chegarmos as investigações sobre a matéria corporal, o filósofo Leucipo<sup>1</sup> de Mileto (Séc. V a.C) e posteriormente seu discípulo Demócrito<sup>2</sup> de Abdera (460-370 a.C) afirmaram ser a matéria composta por átomos, antes mesmo dos equipamentos capazes de comprovar a existência deste<sup>3</sup>. As contribuições de Zenão de Eléia<sup>4</sup> (cerca de 490-485) em seu tratado da natureza no que diz respeito ao tempo e ao espaço entre outras contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

A contribuição filosófica desses filósofos pré-socráticos, assim como suas teorias sobre a *matéria* e o vazio, nos forneceu as primeiras bases para o conhecimento da natureza do mundo material, dos corpos, e dos objetos.

Com o advento da filosofia juntamente com a busca pelo entendimento do ser humano, no sentido de entender nossa natureza destacam-se filósofos como Protágoras<sup>5</sup> de Abdera (481- 411 a.C) que viveu no período socrático autor da célebre frase “o homem é a medida de todas as coisas” Este período marca a transição da filosofia cosmológica para a filosofia antropológica, época que a filosofia começava a se interessar em conhecer o homem.

---

<sup>1</sup> LEUCIPO, fragmento B2 (AÉCIO, I, 24, 4). In: *Pré-Socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

<sup>2</sup> DEMÓCRITO, fragmento B125, in BORNHEIM, G. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 2000.

<sup>3</sup> PARMÊNIDES. *Fragments: sobre a natureza*. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

<sup>4</sup> BORNHEIM, Gerd. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1994.

ver: Bergson, Henri, *Matéria e Memória*; Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; tradução Paulo Neves. - 4a. Ed. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. - (biblioteca do pensamento moderno), p. 224-225.

<sup>5</sup> PLATÃO. *Diálogos* vol. 1. Teeteto, Sofista, Protágoras. Bauru: Edipro, 2007.

Do “conhece a ti mesmo” escrito no oráculo de Delfos que perpassa por Sócrates<sup>6</sup> (399 a.C), Platão<sup>7</sup> (429 a.C) chegando até Aristóteles<sup>8</sup> (384 a.C) com sua filosofia organizada e sistemática chegamos ao surgimento das primeiras bases das ciências, logo, às investigações científicas da espécie humana inicialmente através da filosofia.

Plotino<sup>9</sup> (204-270 a.C) nas *Enéadas*, já falava sobre o uno, o intelecto e a alma do ser humano no mundo. O período helenístico ou greco-romano e os conhecimentos filosóficos desenvolvidos nesta época como toda a onda de investigar a relação do homem com a alma, a natureza e Deus desembocaram nos conhecimentos de filósofos e teólogos como Agostinho<sup>10</sup> de Hipona (354 d.C) que contribuiu significativamente para a teologia e para a filosofia com seus estudos sobre o tempo, o passado, o presente, o futuro, e a relação destas grandezas com o homem, com o espírito humano, com Deus, um passo para entendermos a relação entre a temporalidade, o infinito e o homem.

Os conhecimentos da natureza e das espécies animais nos direcionaram na busca de investigar a nossa própria espécie, no sentido de saber que tipo de animal que somos e como funcionamos, este interesse nos possibilitou entender como funcionam os órgãos internos do nosso corpo, se possuímos ou não uma alma, um espírito, ou algo imaterial coexistente à matéria corporal, para que assim pudéssemos entender a natureza destas partes que compõe o ser humano.

Na Idade medieval os problemas de saúde dependendo do grau da doença eram tratados como problemas sem solução, a loucura, por exemplo, ainda estava sendo investigado segundo relatos do filósofo Michel Foucault<sup>11</sup>. A medicina

---

<sup>6</sup> PLATÃO. 1988. Fédon. Coimbra/Portugal: Minerva. 2005. Oeuvres Complètes, Tome IV, 1 partie, PHÉDON. Paris: Les Belles Lettres.

<sup>7</sup> PLATÃO. Mênon. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio / São Paulo: Edições Loyola, 2001. Tradução de Maura Iglesias.

<sup>8</sup> ARISTÓTELES. De anima. Tradução Marília Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006. ARISTÓTELES. Da geração e da corrupção seguido de convite à filosofia. Tradução de Renata Maria Pereira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2001.

<sup>9</sup> PLOTINO. Enéadas. Introducciones, traducciones y notas de J. Igal. vols. I-III. Madrid: Gredos, 1992.

<sup>10</sup> AGOSTINHO, S. O Homem e o Tempo. In: Confissões. 10. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1981.

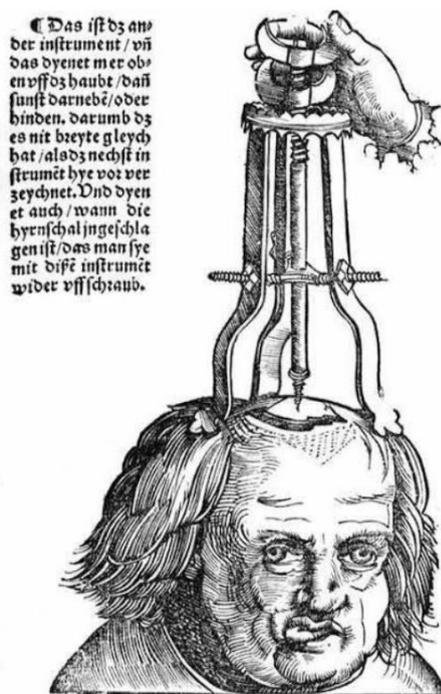
<sup>11</sup> Ver: FOUCAULT, Michel. Loucura, literatura, sociedade. In: Motta, Manoel Barbosa (Org.). Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

disponível nesta época não oferecia a esperança de uma cura para os doentes mentais que muitas das vezes as causas eram cerebrais.

Entre as técnicas e os procedimentos craniano-cerebrais mais utilizados desde os povos antigos como (os egípcios e os mesopotâmicos) até os medievais, se destacava o procedimento cirúrgico de *trepanação*<sup>12</sup> Este procedimento cerebral era utilizado como um meio de resolver problemas cerebrais e mentais, entre outras doenças do cérebro, penso que este procedimento causava muito sofrimento, dor e morte.

Na idade média, o procedimento de trepanação iniciava-se muitas das vezes dopando o paciente com bebida alcoólica, raspava-se os pelos do couro cabeludo da cabeça no local da trepanação e perfurava o crânio do paciente com uma espécie de aparato feito de metal e madeira que encaixa no crânio realizando um corte profundo e circular como mostra a imagem abaixo.

Figura 1- **Ilustração medieval mostrando uma trepanação 1517.**



Fonte: Ilustração de "Feldbuch der Wundarzney", de Hans von Gersdorff. (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1967). Reprint of the 1517 edition.

<sup>12</sup> Trepanação: Procedimento cirúrgico antigo feito no crânio, como solução de alguns problemas mentais e cerebrais, hoje é utilizado ainda em alguns casos.

Ver: Clower, W. T., & Finger, S. (2001). Discovering trepanation: The contribution of Paul Broca. *Neurosurgery*, 49(6), 1417-1426.

Ver também: Collado-Vázquez S Carrillo JM. Cranial trepanation in The Egyptian. *Neurologia*. 2014;29(7):433-40.

Após perfurar a dura-máter<sup>13</sup> e outras camadas do crânio, era retirado um tampo do crânio deixando um buraco no local para a extração do tumor no cérebro. Após a extração do tumor, os barbeiros cirurgiões fechavam a abertura do crânio com apenas um curativo no local, (lembrando que o cérebro é um órgão indolor.) Devido às precárias condições higiênicas daquela época, a possibilidade de infecção no local do buraco era de se prever. Após dias ou meses o paciente entrava em óbito<sup>14</sup>.

A meninge cerebral<sup>15</sup> muitas vezes era afetada, causando hemorragias cerebrais gravíssimas, irreparáveis e doenças mortais, sem citar as infecções que se proliferavam no local da cirurgia antes do paciente entrar em óbito, devido à falta de cuidados especiais durante a recuperação da cirurgia. Penso que os medievais que desconheciam que aquele mal mental do doente (a loucura)<sup>16</sup>, por exemplo, eles não sabiam que poderia ser consequência de uma doença cerebral como um tumor. Com a chegada da Idade Moderna especificamente na época conhecida como *racionalismo clássico*, a filosofia investiga a natureza do sujeito, do objeto, da matéria, dos corpos das coisas do mundo e os limites da capacidade humana em conhecer as coisas do mundo por meio da razão. Esta tendência partia do *sujeito racional*.

O dualismo de René Descartes<sup>17</sup> (1596-1650) presente em sua filosofia trouxe-nos a “ideia de que somos criaturas compostas por *duas substâncias*; a substância pensante (mente) que ele chamou de “*res cogitans*”, e a substância corporal ou material “*res extensa*”. Nesta época, filósofos racionalistas como Baruch Spinoza<sup>18</sup> (1632-1677), Gottfried Wilhelm Leibniz<sup>19</sup> (1646 - 1716) entre outros que se

---

<sup>13</sup> Dura-máter é a meninge localizada mais externamente, formada por um tecido conjuntivo denso, contínuo com o perióstio dos ossos da caixa craniana. Já a dura-máter que envolve a medula espinhal, é separada do perióstio das vértebras, originando entre ambos, o chamado espaço epidural, onde são encontradas algumas estruturas como: veias, tecido conjuntivo frouxo e tecido adiposo.

Ver: Histologia Básica – Luiz C. Junqueira e José Carneiro. Editora Guanabara Koogan S.A. (10° Ed), 2004.

<sup>14</sup> Ver: Broca, P. (1867). La trépanation chez lês Incas. Bulletin de l'Académie Nationale de Médecine, 32, 866-871.

<sup>15</sup> Três membranas delicadas que revestem e protegem o Sistema nervoso central, medula espinhal, tronco encefálico e o encéfalo. São elas respectivamente a pia-máter, a dura-máter e a aracnóide.

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva. 2008.

<sup>17</sup> KANDEL, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009

<sup>18</sup> ESPINOSA, B. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1979.

<sup>19</sup> LEIBNIZ, G. W. Novos ensaios sobre o entendimento humano. Tradução e introdução: Adelino Cardoso. Lisboa: Colibri, 2004.

destacaram por contribuir significativamente para a filosofia racionalista. As ideias desses filósofos racionalistas contribuíram para o aprofundamento dos estudos sobre o corpo, a alma, o espírito, o pensamento, a essência do ser etc. Além de Descartes, o filósofo empirista e idealista George Berkeley<sup>20</sup> (1685 -1753) se destacou entre os filósofos mais influentes desta época por elaborar teorias fundamentais sobre a *percepção* dos sentidos. Berkeley chegou a conclusão de que os objetos que percebemos ou sentimos só existe para o espírito de quem os percebe ou sente. Estas investigações filosóficas no início da filosofia moderna serviram de escopo para o entendimento dos problemas envoltos ao idealismo, o racionalismo e o materialismo, que envolvem a relação entre as percepções do sujeito, os objetos, a mente, a memória, a consciência etc. Berkeley aos vinte anos de idade escreveu a obra - *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano* (1710) - onde ele tratava da relação entre a percepção dos sentidos, o espírito, a mente e os limites desses conhecimentos.

Os objetos sensíveis também podem considerar-se fora do espírito em outro sentido, o de existirem em outro espírito; assim, quando fecho os olhos às coisas que vejo existem, mas só pode ser outro espírito. (Berkeley, 1984, p. 37.).

No trecho acima Berkeley justifica a percepção humana a partir do seu idealismo, afirmando que o mundo, as coisas exterior do nosso corpo, é composto por ideias, assim como nossas percepções, o filósofo complementa o argumento justificando que nosso espírito quando não está diante da percepção das coisas, há um espírito, que tudo percebe, que seria a consciência maior, ou consciência divina. Além de Berkeley, David Hume<sup>21</sup> (1711-1776), antes de Bergson já escrevia sobre a ideia que temos ou que construímos em nossa mente durante a percepção.

Todos admitirão sem hesitar que existe uma considerável diferença entre as percepções da mente quando o homem sente a dor de um calor excessivo ou o prazer de um ar moderadamente tépido e quando relembra mais tarde essa sensação ou a antecipa pela imaginação. Essas faculdades podem remedar ou copiar as percepções dos sentidos, mas jamais atingirão a força e a vivacidade do sentimento original (Hume, 1984, p.138.).

---

LEIBNIZ, G. W. Discurso de metafísica. Tradução de Marilena de Souza Chauí. In: Os pensadores: Newton / Leibniz. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 117-152.

Leibniz, "Specimen dynamicum" (Mathem. Schriften, Gerhardt, 2 a seção, 2o vol.

<sup>20</sup> BERKELEY, George. *Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano*; [tradução Antônio Sérgio]. — 3. ed. — São Paulo: Abril Cultural 1973.

<sup>21</sup> HUME, D. *Investigação sobre o conhecimento humano*; (tradução Leonel Vallandro). — 3. ed. — São Paulo: Abril Cultural 1984.

ver também: HUME, David (2011). *Tratado da natureza humana*. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: Unesp

Estes assuntos, que envolvem elementos investigados até os dias atuais pela filosofia como consciência, sentidos, percepção, pensamento entre outros temas relacionados e discutidos pela filosofia influenciou também o idealismo alemão. O filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1881) destaca-se nesta época. Com sua obra *A fenomenologia do espírito*<sup>22</sup>. Nesta obra Hegel tratou sobre a *natureza* da consciência assim como sua *constituição* e a relação entre a *consciência* e a *realidade*.

Este período foi marcado por importantes mudanças intelectuais ao longo dos séculos, pensemos na quantidade de ideias e de pensadores que surgiram e se destacaram. As doutrinas do *materialismo* e do *idealismo*, que competiam entre si para justificar o fenômeno da aparição das coisas aos sentidos e os mistérios da mente, já estavam a todo vapor.

No séc. XVII surgem as ideias de conquista científica a partir das explicações mecânicas, a realidade das coisas no mundo poderia ser concebida a partir das investigações das causas e dos efeitos entre um *agente* e um *paciente*. Esta ideia deu origem a ciências como a psicologia, no séc. XX, por exemplo.

Com a chegada do iluminismo<sup>23</sup>, os estudos sobre a mente no campo do sujeito se tornaram mais intensos em comparação aos séculos anteriores. Antes mesmo de Hegel, Immanuel Kant<sup>24</sup> (1724-1804) afirmou que as coisas são representações subjetivas, por serem dadas pela cognição do sujeito.

A teoria dualista de Descartes que predominou na França e em outros países da Europa por décadas, foi abalada pelas teorias de um neuro anatomista alemão de nome Franz Joseph Gall (1758-1828). Famoso por elaborar teorias científicas

---

<sup>22</sup> HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

ver também: HEGEL, F. *Fenomenologia do espírito*. Trad. P. Meneses. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>23</sup> CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. Campinas, São Paulo:Ed. Unicamp, 1992.

O iluminismo foi um movimento filosófico e intelectual que aconteceu entre os séculos XVII e XVIII na Europa, em especial, na França.

Para uma análise mais aprofundada sobre o Iluminismo, ver: ARGAN, G. C. *Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia de Letras, 1992.

<sup>24</sup> KANT, I. *O que é o iluminismo*. Trad: Artur Morão . São Paulo:ed.lusosofia, 2006.

Ver também: KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril, 1980. (Coleção Os Pensadores).

sobre o crânio e o cérebro, ele conseguiu fornecer *duas teorias* conceituais a partir de seus estudos, que eram investigadas pelas ciências da mente e do cérebro na época, que buscavam explicar o problema da relação entre o cérebro e a mente. As teorias de Gall tentaram dar um ponto final na ideia de alma, ele é conhecido como o fundador da frenologia<sup>25</sup> ou craniologia. Gall acreditava que o desenho do crânio de uma pessoa estaria relacionado às características da mente do sujeito, sua teoria afetou a ideia da existência de uma alma presente no nosso corpo, foi a de que, todos os processos mentais são biológicos<sup>26</sup>. Ao afirmar isto, ele abalou o dualismo de Descartes que ainda estava bem conservado pelos “poderosos elementos da sociedade” de sua época, como explica Kandel.

A proposta radical feita por Gall em favor de uma visão materialista da mente despertou o interesse da comunidade científica porque colocava um ponto-final no conceito não biológico de alma, mas ameaçava os poderosos elementos conservadores da sociedade. (Kandel, 2009, p.137.).

A segunda teoria de Gall foi a de que “o córtex-cerebral tem muitas regiões distintas que governam funções mentais específicas” ou seja para ele cada parte do cérebro seria responsável por um movimento motor específico do nosso corpo<sup>27</sup>. Com essa teoria, Gall tornou-se o pai da frenologia e sua teoria abriu caminho para o que sabemos hoje a respeito das descobertas sobre o funcionamento do córtex-cerebral, que só vieram a ser provadas com o desenvolvimento das ciências modernas e os estudos aprofundados sobre o cérebro pelas neurociências<sup>28</sup>.

---

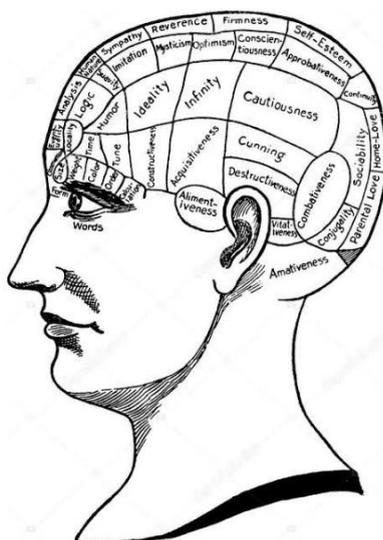
<sup>25</sup>Frenologia: ciência que estuda o crânio, também chamada de craniologia.

<sup>26</sup>KANDEL, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.137.

<sup>27</sup> KANDEL, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.136.

<sup>28</sup> Neurociências: Ciência que estuda o sistema nervoso, a organização cerebral, a anatomia e a fisiologia do cérebro, além de sua relação com as áreas do conhecimento (aprendizagem, cognição e comportamento).

Figura 2 - Pintura medieval Gráfico de Frenologia de Franz Joseph Gall Séc. XVIII.



Fonte: KANDEL, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.137.

Após as ideias de Gall e sua frenologia, o neurologista experimental francês Pierre Flourens (1794–1867), no final da década de 1820, resolveu experimentar em animais a teoria de Gall, para comprovar estas teorias, com o intuito de desvendar o problema da mente como algo não biológico<sup>29</sup>.

Tanto as ideias de Gall quanto às ideias de Flourens atraíram vários neurocientistas, que se interessaram posteriormente em estudar o cérebro e a mente e seu funcionamento corporal, Nesta época, essas ideias causaram distorções no pensamento científico, como mencionou Eric Kandel.

O debate entre os seguidores de Gall e os de Flourens produziu distorções no pensamento sobre o cérebro durante muitas décadas, permanecendo irresolvido até a metade do século XIX. Quando a questão atraiu a atenção de dois neurologistas Pierre Paul Broca, em Paris, e Carl Wernicke, em Breslau na Alemanha. (Kandel, 2009, p.13.).

Neste contexto histórico sobre o desenvolvimento das ciências do cérebro e da mente, tenho que citar outro contemporâneo de Bergson, o filósofo Alemão Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938) que estabeleceu a escola da *fenomenologia*<sup>30</sup> ele foi considerado o pai da filosofia contemporânea a partir de

---

<sup>29</sup>KANDEL, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.138-9.

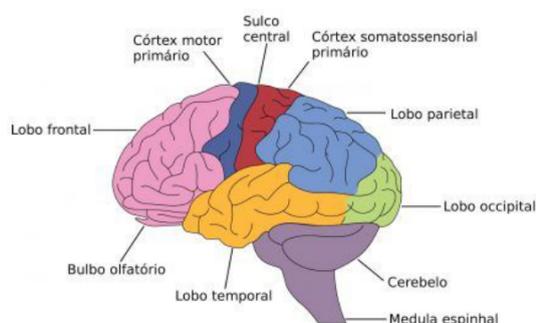
<sup>30</sup>Fenomenologia: tendência filosófica desenvolvida por Edmund Husserl.( in. Phenomenology, fr. Phénoménologie, ai. Phénoménologie, it. Fenomenologia) . Descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição.

Ver: Abbagnano, Nicola, 1901-1990. Dicionário de filosofia/Nicola Abbagnano; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 5ª ed. - São Paulo : Martins Fontes, 2007.

seus estudos filosóficos sobre a consciência. Percebe-se que tanto as ciências quanto a filosofia se esforçam até os dias de hoje na busca pelo conhecimento sobre a natureza da mente e do cérebro, as investigações sobre a memória fazem parte destas pesquisas que nos aproximará cada vez mais das respostas que tanto buscamos para desvendar os mistérios envoltos no fenômeno da mente e do cérebro, que ainda continuam dentro da filosofia.

Entre os cientistas que buscavam compreender aspectos da mente voltados para a memória destaca-se o neurocirurgião canadense Wilder Penfield (1891-1976). Ele descobriu que alguns aspectos da mente como a qualidade da *memória* poderiam está sendo armazenadas em algumas regiões específicas do cérebro<sup>31</sup>. Assim Penfield identificou o *lóbulos temporal*<sup>32</sup> como um local de grande potência para armazenamento de memórias, mas isto não significa que as células neurais relacionadas à memória se concentram apenas nesta região do cérebro, abaixo a figura mostra a localização do lobo temporal em cor amarela assim como outras partes do encéfalo humano.

Figura 3 - **Ilustração das estruturas cerebrais.**



Fonte: Ilustração: Mr. High Sky / Shutterstock.com

O filósofo e fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), entre outros, no século XX deu continuidade aos estudos filosóficos relacionados à psicofisiologia, no sentido de entender a mente e a relação sujeito/objeto, corpo e a percepção dos sentidos, consciência, mundo etc.

Se um ser é consciência, é preciso que ele seja apenas um tecido de intenções. Se ele deixa de se definir pelo ato de significar, ele volta a cair

---

<sup>31</sup> KANDEL, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.145.

<sup>32</sup>Lobo temporal: região do encéfalo dispostas nos dois hemisférios cerebrais, esquerdo e direito. ver: Martin, Jhon H. Neuroanatomia texto e atlas, editora AMGH, 4ªedição 2013

na condição de coisa, a coisa sendo justamente aquilo que não conhece aquilo que repousa em uma ignorância absoluta de si e do mundo, aquilo que, por conseguinte não é um “si” verdadeiro, quer dizer, um “para si”, e só tem a individuação espaço-temporal, a existência em si. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 172).

No final do século XX, os estudos sobre a mente no campo científico avançaram principalmente com os avanços da tecnologia. Estas tendências neurocientíficas deram origem a duas correntes que estudam o interior dos mecanismos psico-cerebrais, Kandel diz em seu livro que ambas deram origem a duas visões neurocientíficas concorrentes que tinham a pretensão de esclarecer o funcionamento do córtex cerebral e o fenômeno da mente de forma precisa.

Uma das visões defendia que o córtex cerebral é composto de regiões descontínuas, com funções específicas, enquanto que a outra defendia que as capacidades mentais de armazenamento de memória se davam por uma atividade combinada de todo o córtex cerebral em conjunto<sup>33</sup>.

Diante de todas essas teorias científicas e filosóficas sobre o cérebro e a mente, lembremos que Gall foi o primeiro neuroanatomista que defendeu a idéia de que as diferentes faculdades mentais estão localizadas em regiões específicas do cérebro.

Penso que Gall não conseguia explicar com precisão como um cérebro biológico e orgânico nos possibilita a habilidade mental de armazenamento de memória, e como o cérebro funciona no ato motor da linguagem, por exemplo, pois na época ainda não se tinham recursos que pudessem contribuir para tais comprovações de forma precisa.

Bergson já se questionava em sua época como a consciência acumula a memória da própria vida no corpo que ocupa como o corpo acumula a percepção, história da própria existência ou na memória<sup>34</sup>, assim como outros cientistas e filósofos que se interessam por tais assuntos e que deram continuidade aos estudos sobre a mente e sobre a memória.

No sentido de esclarecer a relação entre a memória e os movimentos motores do corpo, reconheçamos os trabalhos do psicólogo americano Karl Lashley<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> KANDEL, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.136.

<sup>34</sup> Portanto, não há nem pode haver no cérebro uma região onde as lembranças se fixem e se acumulem”. (Bergson, 2010, p. 146).

<sup>35</sup> KANDEL, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.144.

(1890-1958) trouxe-nos esclarecimentos sobre a aprendizagem, a memória, o corpo e o cérebro a partir de seus estudos. Como procuramos mostrar nesse trabalho, Bergson defendia a existência de duas memórias.

Em *Matéria e Memória*, Bergson utiliza o exemplo da aprendizagem de uma lição como uma forma de explicar as duas memórias; a memória do corpo (hábito) e a memória do espírito (lembrança):

I. As duas formas da memória - Estudo uma lição, e para aprendê-la de cor leio-a primeiramente escandindo cada verso; repito-a em seguida um certo número de vezes. A cada nova leitura efetua-se um progresso; as palavras ligam-se cada vez melhor; acabam por se organizar juntas. Nesse momento preciso sei minha lição de cor; dizemos que ela tornou-se lembrança, que ela se imprimiu em minha memória. (Bergson, 2010, p.85.).

Estes conceitos e noções de memória, consciência, duração em Bergson foram atualizados a partir de filósofos como Gilles Deleuze (1925-1995), que na obra *Bergsonismo* (1966) esclarece de forma mais detalhada conceitos, segundo Gilles Deleuze (1966, p. 43): “[...] Há, portanto, duas memórias, ou dois aspectos da memória, indissoluvelmente ligados à memória lembrança e a memória contração [...]”.

No campo científico atual as discussões sobre a memória destaca-se a neuropsicologista canadense Brenda Milner<sup>36</sup> (n.1918) que em seus estudos sobre a memória também afirma possuímos dois tipos de memória. Milner chegou a tais conclusões através de análises quando investigava seu paciente, que fora submetido a um procedimento cirúrgico cerebral (lobotomia).

As conclusões de Milner deram início ao moderno estudo sobre as áreas do cérebro responsáveis pelos dois tipos de memórias que possuímos, confirmadas pelas neurociências; as *memórias explícitas e as memórias implícitas*<sup>37</sup>. Milner chegou a tais descobertas sobre os dois tipos de memórias que possuímos através dos resultados de uma cirurgia cerebral realizada neste paciente citado acima.

Os neurocirurgiões removeram determinadas partes profundas do cérebro do paciente como um meio de solucionar os problemas de epilepsia e de perda de consciência que o paciente sofria. A cirurgia foi um sucesso, as crises diminuíram, mas Milner, ao consultar o paciente após a recuperação da cirurgia, percebeu que

---

<sup>36</sup> *Ibidem*, 2009.p.148.

<sup>37</sup> *Ibidem*, 2009.p.148.

ele havia perdido aquelas memórias mais profunda, memórias mais antigas como as da infância por exemplo. Além do mais, o paciente não conseguia converter memórias de curto prazo em memórias de longo prazo<sup>38</sup>. Milner, a partir de seus estudos, conseguiu extrair importantes informações sobre as bases biológicas da memória.

As informações científicas sobre a memória citadas várias vezes neste trabalho são do livro “*Em busca da memória: o nascimento de uma nova ciência da mente*”, de Eric Kandel (n. 1929), o qual juntamente com sua equipe, colaborou para os atuais estudos da memória no campo científico, trazendo-nos novas informações sobre as relações entre os movimentos das células neurais, o aprendizado, o cérebro e a memória.

Em seu documentário<sup>39</sup>, Kandel afirma que as células neurais da memória sofrem alterações durante e depois do processo de aprendizagem, além do mais ele descobriu, junto com sua equipe e com a ajuda da tecnologia que nós dispomos hoje, estudando as células neurais de uma lesma *aplysia*<sup>40</sup>, que todas as vezes que buscamos uma lembrança na memória, alguns dos mecanismos cerebrais entram em ação.

Estes e outros estudos sobre a mente, a consciência e a memória nos fazem juntar as peças de um quebra-cabeça, fazem ainda chegar a conclusões mais precisas sobre estas e outras informações sobre a mente e o corpo, que até os dias atuais continuam sendo um mistério.

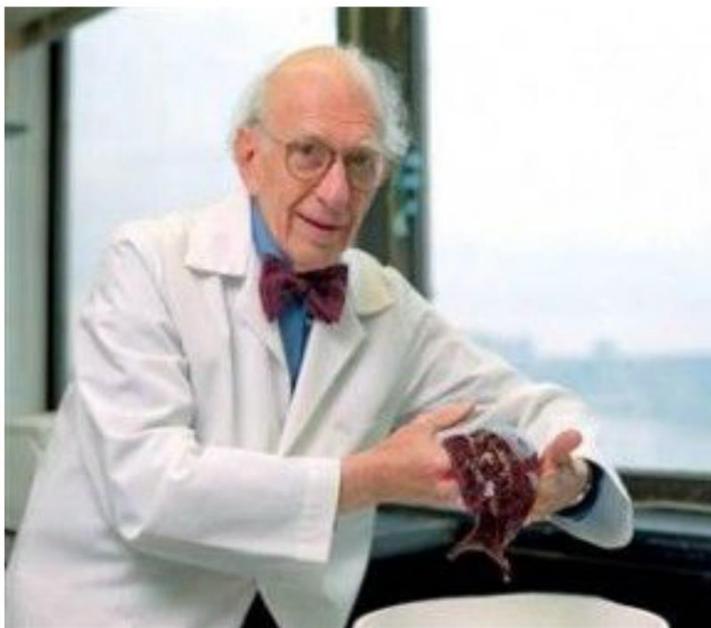
---

Ibdem, p.147.

B. Fleischmann. Em busca da memória - Eric Kandel 2016. (1h34m42s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iYKQQ0lc470&t=607s>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

*Aplysia*: lesma-do-mar pertencente à família Aplysiidae.

Figura 4 - Fotografia de Eric Kandel, segurando uma *Aplysia californica*, a mesma lesma da espécie usada em seu experimento.

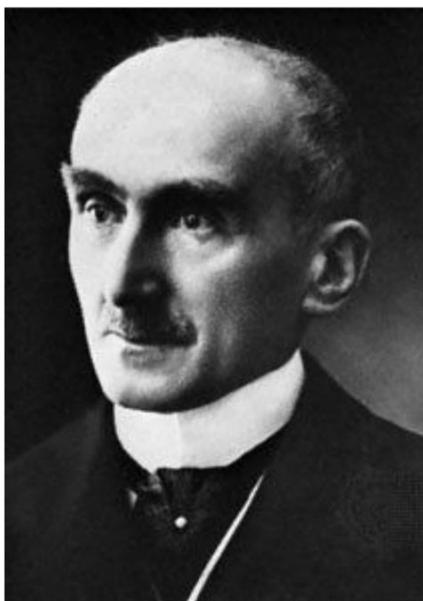


**Crédito da foto:**

<https://pt.slideshare.net/coburgpsych/lesson-5-the-role-of-the-neuron-in-memory-formation-2012-sh?ref=consultado> em 10 de fevereiro de 2020.

## 1. A DISCUSSÃO SOBRE A MEMÓRIA NA ÉPOCA DE BERGSON

Figura 5 - Fotografia de Henri Bergson, ano de 1928.



Crédito da foto: Encyclopedia Britannica.(Henri Bergson, 1928. *Archiv für Kunst und Geschichte, Berlin*).

O filósofo Henri-Louis Bergson, nasceu no dia 18 de outubro de 1859, em Paris na França, dualista, evolucionista, foi professor do Collège de France. Ficou conhecida na filosofia por suas reflexões de cunho metafísico lembrando que a metafísica<sup>41</sup> é considerada uma das disciplinas fundamentais da filosofia.

A filosofia de Bergson envolveu um diálogo com várias ciências, a neuropsicologia, por exemplo, é uma delas. Foi honrado com o prêmio Nobel em Literatura no ano de 1927. Faleceu no dia 04 de janeiro de 1941 aos 81 anos. Entre suas obras destacam-se: *O ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, *Duração e simultaneidade*, *A evolução criadora*, entre outras como *Matéria e Memória*.

Eu escolhi a segunda obra do Bergson, *Matéria e Memória*, para desenvolver a maior parte deste trabalho. Publicada pela primeira vez no ano de 1896, esta obra foi escrita, sobretudo para discutir algumas das teorias da memória e sobre a relação do corpo com o espírito.

---

<sup>41</sup> METAFÍSICA (gr.  $\mu\epsilon\tau\alpha\phi\upsilon\sigma\iota\kappa\acute{\alpha}$ ; lat. *Metaphysica*; in. *Methaphysik*, fr. *Métaphysique*, ai. *Metaphysik* it. *Metafísica*). Ciência primeira, por ter como objeto o objeto de todas as outras ciências, e como princípio um princípio que condiciona a validade de todos os outros.(Abbagnano, 2007. p.660.)

Na mesma época, teóricos materialistas como o psicólogo Théodule-Armand Ribot<sup>42</sup> (1839-1916), afirmavam ser a memória um achado material, por estarem contidas dentro das cabeças dos seres humanos, dentro do cérebro, e não no espírito, como defenderia Bergson, para o filósofo, a memória não somente está presente no corpo, ele afirmou que a memória está presente também no espírito, ambas se relacionam e se distinguem entre si por natureza e tipos; a primeira memória, ou seja, a do corpo é habitual e a segunda memória a do espírito é espontânea<sup>43</sup>.

Bergson explica em *Matéria e Memória* como o corpo humano se relaciona com o espírito. Através de suas investigações metafísicas, Bergson se questiona como lembranças se conservam como uma duração no corpo, vendo que esta memória impulsiona o movimento do corpo através do hábito. Este é o problema principal que pretendo abordar neste trabalho, a relação das duas memórias citadas por ele e suas relações com a matéria corporal, para Bergson a verdadeira memória é a memória espiritual, aquela que lembra e conserva o nosso passado como uma coexistência ao longo da vida.

Das duas memórias que acabamos de distinguir, a primeira parece, portanto ser efetivamente a memória por excelência. A segunda, aquela que os psicólogos estudam em geral, é antes o hábito esclarecido pela memória do que a memória propriamente. (Bergson, 2010, p. 91.).

Para o filósofo a memória não é apenas uma função biológica ou epifenomênica do cérebro. O filósofo investiga a memória do corpo e do espírito de forma muito detalhada e profunda, trazendo um novo olhar na tentativa de compreender e solucionar os problemas da relação corpo e alma que se arrastam dentro da filosofia por várias gerações.

Esta proposta trazida por ele me instigou a continuar com estas investigações filosóficas sobre a natureza da nossa espécie e os problemas filosóficos envolvidos nesses temas abordados. Tenho a impressão de que os estudos filosóficos sobre a *memória, a duração, a consciência, a percepção, as lembranças* trazidas por filósofos como Bergson, por exemplo, sejam necessárias para encontrarmos as respostas que tanto buscamos na busca pelos esclarecimentos sobre os problemas

---

<sup>42</sup> Ribot, *Les maladies de la mémoire*, Paris, 1881, p. 10.

<sup>43</sup> Bergson, Henri, *Matéria e Memória*; Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; tradução Paulo Neves. - 4a. Ed. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. - (biblioteca do pensamento moderno), p. 97.

da relação corpo e mente.

Com estes estudos, pretendo contribuir para a filosofia, explicando as teorias de Bergson sobre as duas memórias e o corpo tratado por Bergson na obra *Matéria e Memória*. A obra é composta por 4 capítulos; I Da seleção das imagens para a representação. II O papel do corpo. Do reconhecimento das imagens. III A memória e o cérebro. III Da sobrevivência das imagens. A memória e o espírito. IV Da delimitação e da fixação das imagens. Percepção e matéria. Alma e corpo.

Penso que sem as teorias de filósofos como Bergson, ainda estaríamos sem entender a relação imbricada entre as lembranças e as percepções dos objetos a nossa volta. Na época de Bergson, os estudos sobre as memórias eram mais voltados para os interesses científicos, psicológicos, psiquiátricos, neurológicos e psicofisiológicos do que propriamente filosóficos.

As discussões tratadas pelas ciências e pelos cientistas, médicos neuroanatomistas, neurocirurgiões, psiquiatras e psicólogos que investigavam a memória no final do século XX, estavam vinculadas aos problemas da filosofia moderna que foram trazidos para a filosofia contemporânea a partir de pensadores que se debruçaram sobre o estudo da consciência, o estudo da vida, o estudo da duração como fez Bergson.

Com o desenvolvimento das ciências médicas com foco na psique do sujeito, e com foco no cérebro, chegamos ao desenvolvimento de ciências da mente que estudam os graus de anormalidades mentais pós-cirúrgicos, pós-traumas cranianos cerebrais ou pós-acidentes cerebrais, por exemplo.

Os diferentes tipos e casos de afasias cerebrais catalogados por Wernicke<sup>44</sup>, assim como os tipos de cegueiras psíquicas e verbais como; a apraxia, os diferentes graus de agnosias, as distrofias, o alzheimer, dislexias, paragramatismo, a síndrome de Charcot-Wilbrand, as ansiedades, fobias, síndromes de Tourette, aneurismas, mal de Parkinson, histeria, entre outros casos mentais identificados e catalogados pelas ciências do cérebro e da mente continuam sendo estudados desde a época de Bergson até os dias atuais.

Os interesses centrais dos estudos da mente e as tendências filosóficas das pesquisas sobre a psicanálise na época de Bergson ganharam uma atenção maior

---

<sup>44</sup> Lichtheim, "On Aphasia" (Brain, 1885). Convém notar no entanto que Wernicke, o primeiro a estudar sistematicamente a afasia sensorial, abstinha-se de um centro de conceitos (Der aphasische Symptomencomplex, Breslau, 1874). (Bergson, 2010, p.142.)

com as teorias de Sigmund Schlomo Freud<sup>45</sup> (1856-1939) criador da psicanálise. Assim como Carl Gustav Jung<sup>46</sup> (1875-1981), fundador da psicologia analítica, e suas contribuições, este período é marcado pelo surgimento de várias ciências da mente, inclusive a *neurologia*<sup>47</sup>.

É de se imaginar que Bergson estava entre intelectuais, teóricos e cientistas que traziam teorias e conhecimentos, obtidos através de muito estudo, muito esforço e muita pesquisa. O cenário intelectual que se apresentava no contexto de Bergson na França parecia estar bastante caloroso na corrida intelectual em busca de se encontrar respostas e descobertas precisas sobre os problema da relação mente e corpo, sujeito e objeto, assim como a busca pelo entendimento da relação entre a matéria corporal com a memória.

Entre os principais cientistas, médicos, filósofos e psicanalistas citados na obra *Matéria e Memória destacam-se*; Pierre-Marie-Félix Janet (1859-1947), Jean-Martin Charcot (1825-1893), Théodule-Armand Ribot (1839-1916), Andre Marcel Voisin (1906-1964), Moritz Heinrich Romberg (1795 - 1873), Jacques-Bénigne Winslow (1669-1760), Hermann Wilbrand (1851-1935), Donald E. Broadbent (1926-1993) e Pierre Paul Broca (1824-1880). O médico alemão Ludwig Lichtheim (1845-1928) foi citado por Bergson em *Matéria e Memória* — para Bergson, ele foi o primeiro a desenvolver os estudos dos diversos tipos de afasias cerebrais que tiveram início nas ciências médicas.

Entre outros cientistas e médicos que se destacaram até os dias atuais como o médico anatomista e psiquiatra alemão especialista em afasias<sup>48</sup> Carl Wernicke<sup>49</sup> (1848-1905), que ficou conhecido na medicina por estudar a região cerebral dos

---

<sup>45</sup> Freud S. A interpretação dos sonhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago; 1987.  
ver também:.. O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago; 1976.

<sup>46</sup>Jung CG. Memórias, Sonhos e Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1988.

<sup>47</sup>Neurologia: Especialidade médica que trata dos distúrbios estruturais do sistema nervoso, surgiu durante a segunda metade do século XIX, em Paris, França, com os professores do hospital universitário de Salpêtrière, os Doutores: Charcot, Pierre Marie e Joseph Babinski.  
ver: Gomes MM. Marcos históricos da Neurologia. Rio de Janeiro: Editora Científica Nacional, 1997.

<sup>48</sup>Afasia (do grego ἀφασία, a+fasia,) é uma perturbação da formulação e compreensão da linguagem. Uma alteração da função da linguagem, depois de ter sido adquirida de maneira normal e não causada por dificuldade intelectual. Nem todas as afasias são não fluentes, ou seja, existem pacientes (por exemplo, com afasia de Wernicke) que apresentam um discurso fluente, sem pausas nem alterações sinápticas mas com paragramatismo.

<sup>49</sup>KANDEL, Eric R.; Schwartz, James H.; Jessel, Thomas M. PRINCÍPIOS DA NEUROCIÊNCIA, 4ª Edição, Ed. Manole, Barueri-SP, 2003.  
ver também: MORAES, Alberto Parahyba Quartim de - O Livro do cérebro. Vol 1. São Paulo. SP, Editora Duetto - 2009.

seres humanos responsável pelo entendimento da linguagem.

Foi assim que Wernicke contribuiu fortemente para os estudos neurológicos sobre os diferentes casos e tipos de afasias cerebrais, sistematizando cada caso em seus estudos. Bergson não poderia deixar de fora tal assunto na obra *Matéria e Memória*, no trecho abaixo o filósofo discute sobre o assunto, relacionando as afasias com as memórias.

Entre as numerosas variedades de afasias descritas pelos clínicos, sabe-se de pelo menos duas delas (4a e 6f formas de Lichtheim) que parecem indicar uma relação desse tipo. Assim, num caso observado pelo próprio Lichtheim, o paciente, após uma queda, havia perdido a memória da articulação das palavras e, em conseqüência, a capacidade de falar espontaneamente; ele repetia, no entanto com a maior correção o que diziam. (Bergson, 2010, p.129.).

Com essas investigações Bergson trouxe-nos conceitos que facilitam o entendimento da relação entre as afasias cerebrais e as lembranças, a linguagem, a percepção dos sentidos, as lembrança, o reconhecimento, as imagens e o nosso corpo.

### **1.1. ÁREA DE BROCA E AS LEMBRANÇAS DAS PALAVRAS DISCUTIDAS POR BERGSON**

Pierre Paul Broca<sup>50</sup>(1824-1880), neurologista e antropólogo francês, considerado o fundador das ciências neuropsicológicas, em suas investigações sobre o funcionamento da linguagem, revolucionou as ciências do cérebro, por descobrir a região do córtex cerebral responsável pelo ato motor da fala, batizada de área de Broca. No trecho abaixo extraído de *Matéria e Memória*, Bergson fala sobre a relação entre a memória, reflexo e linguagem.

Que as lições inculcadas à memória motora repetem-se automaticamente, é o que a experiência diária mostra; mas a observação dos casos patológicos estabelece que o automatismo estende-se bem mais do que pensamos. Já se viu dementes darem respostas inteligentes a uma série de questões que não compreendiam: a linguagem funcionava neles à maneira de um reflexo. (Bergson, 2010, p.94.).

Neste trecho abaixo extraído do capítulo 2 (*Do reconhecimento das imagens. A memória e o cérebro*), o filósofo teoriza sobre a relação entre as afasias e as lembranças das palavras. Ele já discutia sobre a possibilidade de haver lembranças

---

<sup>50</sup> Schiller F. Paul Broca. Oxford: Oxford Univ Press, 1992. Ver também: F. Moutier, L 'aphasie de Broca, Paris, 1908. e Janet, P. Les obsessions et la psychasthénie, Paris, F. Alcan, 1903 (em particular pp. 474-502).

de palavras depositadas no cérebro, a partir da ideia de conservação e perda de lembranças das palavras nos casos de afasias sensoriais específicas.

No caso de haver de fato lembranças depositadas nas células do córtex, irá constatar-se, na afasia sensorial, por exemplo, a perda irreparável de algumas palavras determinadas, a conservação integral das outras. (Bergson, 2010 p.136.).

A área de Broca é uma região cerebral localizada no giro frontal inferior do hemisfério esquerdo cerebral, onde as lembranças das palavras se juntam e entram em ação instantaneamente, com o estímulo de outras regiões específicas e complexas do córtex-cerebral do cérebro como o lobo frontal e a *área de Wernicke* por exemplo, para o ato motor da fala.

Este mecanismo psicofisiológico da fala se dá por meio de um complexo sistema que envolve não somente estas áreas citadas acima, mas também a *vontade do sujeito* de querer falar pois esta vontade é fundamental para o impulso do ato da fala<sup>51</sup>, além da lembrança das palavras, o sistema nervoso central e periférico, os músculos, os pulmões, as cordas vocais, a língua, os lábios etc.

Sabe-se que a pronúncia efetiva de uma palavra exige a intervenção simultânea da língua e dos lábios para a articulação, da laringe para a fonação, e finalmente dos músculos torácicos para a produção da corrente de ar expiatória. A cada sílaba pronunciada corresponde, portanto a entrada em jogo de um conjunto de mecanismos, inteiramente comandados nos centros medulares e bulbares. Esses mecanismos estão ligados aos centros superiores do córtex pelos prolongamentos cilindro-axiais (axônios) das células piramidais da zona psicomotora; é ao longo dessas vias que segue o impulso da vontade. (Bergson, 2010, p. 136.).

Neste trecho Bergson fala sobre os mecanismos motores da fala, este movimento exige uma participação efetiva das duas memórias citadas pelo filósofo: a memória por hábito e a memória espontânea ou espiritual, juntamente com os mecanismos motores do corpo.

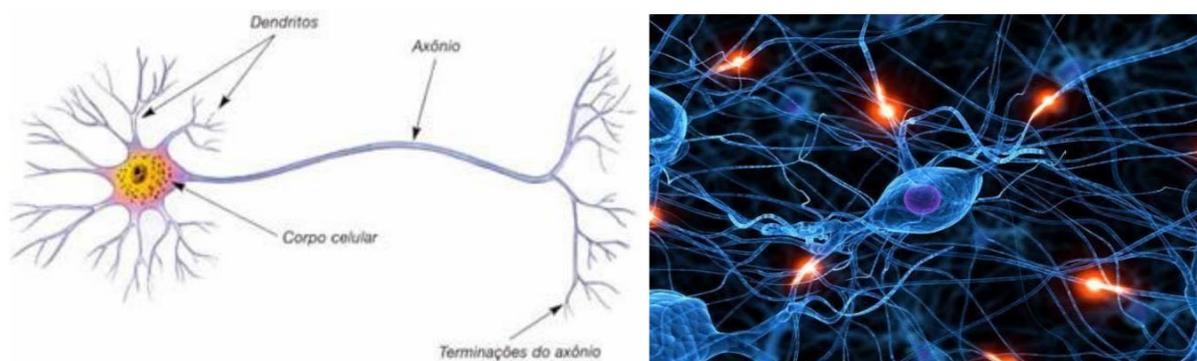
Se pudéssemos mergulhar no interior do córtex-cerebral enquanto alguém fala, especificamente na área de Broca e pudéssemos ver o que acontece nesta região, encontraríamos não palavras nem letras, muito menos códigos linguísticos impregnados no cérebro, o que veríamos seria apenas células neurais se

---

<sup>51</sup>Bergson, Henri, *Matéria e Memória*; Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; tradução Paulo Neves. - 4a. Ed. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. - (biblioteca do pensamento moderno), p.94.

comunicando uma com as outras por meio das *sinapses*<sup>52</sup>. A imagem abaixo mostra em cores as sinapses neurais no cérebro, a imagem à esquerda mostra o neurônio e suas partes, enquanto que do lado direito mostra a relação dada entre as células comunicando-se entre si.

Figura 6: **ilustração do neurônio e suas partes à esquerda. ilustração em cores de neurônios em ação no interior do córtex cerebral à direita.**



Fonte: Imagem da esquerda: "Células nervosas" em Só Biologia. Virtuoso Tecnologia da Informação, <https://www.sobiologia.com.br/conteudos/FisiologiaAnimal/nervoso2.php>.

Imagem da direita:

<https://www.todoestudo.com.br/biologia/tecido-nervoso>. Consultado em 15 de janeiro de 2020.

Segundo Bergson o movimento destas sinapses neurais é impulsionado pelo impulso da vontade<sup>53</sup>, cada palavra que selecionamos para pronunciá-las, por exemplo, é lembrada antes de serem pronunciada ou posta em movimento, estas palavras que aprendemos ao longo da vida e que estão contidas em nossas memórias tornam-se dispostas ao sujeito de forma virtual<sup>54</sup> para o ato motor da fala, assim como toda lembrança de nossa vida passada que está adormecida no inconsciente, no campo da lembrança-pura.

A partir dos meus estudos sobre a área de Broca e as lembranças discutidas por Bergson me faz pensar que uma lesão na área de Broca, por exemplo,

---

<sup>52</sup>As sinapses são junções entre a terminação de um neurônio e a membrana de outro neurônio. São elas que fazem a conexão entre células vizinhas, dando continuidade à propagação do impulso nervoso por toda a rede neuronal.

<sup>53</sup>Bergson, Henri, *Matéria e Memória*; Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; tradução Paulo Neves. - 4a. Ed. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. - (biblioteca do pensamento moderno), p. 129.

<sup>54</sup>Deleuze, Gilles, *Bergsonismo* / Gilles Deleuze; tradução de Luiz B. L. – Orlandi. - São Paulo: Editora 34, 1999. p. 39.

Ver também: Alliez, Éric. *Deleuze filosofia virtual* / Éric Alliez ; tradução de Heloisa B.S. Rocha — São Paulo : Ed. 34, 1996 80 p. (Coleção TRANS)

compromete o meio entre a vontade do sujeito (impulso da vontade) e a fala (a voz que sai do corpo), no caso de afasias cerebrais do tipo na área de Broca, a qualidade da pronúncia da palavra para quem as verbaliza ficaria comprometida, pois o caminho entre a *vontade de falar* e a voz articulada que sai da boca do sujeito é impedida pela lesão cerebral, Bergson deixa claro em *Matéria e memória* que nestes casos o que fica lesionado é o cérebro do doente e não as lembranças<sup>55</sup>.

Afásicos, incapazes de pronunciar espontaneamente uma palavra, recordam sem erro as palavras de uma melodia quando cantam. São capazes também de recitar correntemente uma oração, a série dos números, dos dias da semana ou dos meses do ano. Assim, mecanismos de uma complicação extrema, bastante sutis para imitar a inteligência, podem funcionar por si mesmos uma vez construídos, e conseqüentemente obedecer, em geral, ao mero impulso inicial da vontade (Bergson, 2010, p.94.).

A vontade de falar impulsiona o cérebro, pondo em ação um mecanismo orgânico material conectado aos aparelhos motores do corpo, que realiza a ação da fala. Para Bergson, o cérebro afetado na área de Broca implica em perder os *meios* materiais (cerebrais) que possibilitam a conexão entre a lembrança da fala (espiritual) e o ato motor da fala (hábito), que o corpo deveria realizar sobre o comando do cérebro ordenado pela vontade do espírito através da lembrança.

Nesta região (área de Broca) há um complexo de conexões neurais que organiza automaticamente cada palavra que sai da boca do sujeito, cada pausa, cada vírgula, cada interrogação, retida e controlada pelo sujeito no ato da fala, baixo, a imagem mostra um cérebro afásico na área de Broca à esquerda e um cérebro em suas condições normais à direita:

---

<sup>55</sup> O que parece lesado, portanto, são as diversas regiões sensoriais e motoras ou, mais freqüentemente ainda, os anexos que permitem acioná-las do próprio interior do córtex, e não as lembranças propriamente ditas. (Bergson, 2010, p.278.)

Figura 7 - Imagem de cérebros. a esquerda um cérebro lesionado na área de Broca estudado por Broca em 1861.), a direita um cérebro em condições normais sem afasia na área de Broca.



Compilação feita por Cristiano da Silva Lima, Fonte: [https://auditoryneuroscience.com/brocas\\_aphasia](https://auditoryneuroscience.com/brocas_aphasia)), cérebro com a área de Broca afetada (afasia de Broca) e cérebro normal em condições normais, coletado do site: <https://www.todoestudo.com.br/biologia/cérebro>.

Uma vez esta área do cérebro lesionada, não há como recuperar, fica faltando algo, a não ser que em alguns casos o processo de plasticidade cognitiva da região afetada possa se renovar, o problema maior no caso da afasia de Broca, é que além o processo de conclusão do ciclo da linguagem falada é impedido, uma lesão nesta região como a figura a esquerda acima mostra, compromete a fala do sujeito na capacidade de agir no presente, isto significa que o sujeito não consegue pronunciar a fala de forma compreensível.

Hoje, sabe-se, porém, que ao ocorrer uma lesão cerebral, as áreas relacionadas podem assumir em parte ou totalmente as funções daquela área lesada. "Essa plasticidade envolve todos os níveis do sistema nervoso, do córtex e até da medula espinhal" (GAZZANIGA, HEATHERTON, 2005, p.142.).

Dependendo do grau da lesão, a doente solta as palavras, mas muitas das vezes não eram as palavras desejadas, o sujeito perde o controle de agir no presente do corpo, pois a vontade de expressar a linguagem se torna impotente para a ação da fala que deveria ser completa, tornando-se incapaz de ser falada de forma compreensiva. Por isto a afasia é considerada um distúrbio da linguagem.

Para Bergson, o que perdemos é uma memória corporal, pois a vontade de falar que vai em direção à região cerebral das lembranças das palavras não encontra mais imagens que possam representar o que o sujeito deseja falar, por se encontrar afetada.

Corte essa ligação, a imagem passada talvez não se destrua, mas você lhe tirará toda capacidade de agir sobre o real, e, por conseguinte, conforme mostraremos, de se realizar. É nesse sentido, e nesse sentido apenas, que uma lesão do cérebro poderá abolir algo da memória. (Bergson, 2010, p. 85.).

As lembranças das palavras recolhidas através das percepções dos sentidos tornam-se representações mentais (imagens), disponíveis em nossa mente de forma virtual, ou seja, não estão presentes em nosso cérebro de forma quantitativa e sim de forma qualitativa — não há palavras em nosso córtex cerebral, e sim representações mentais ou imagens virtuais, acessadas por meio das lembranças.

O ato de falar requer buscar lembranças-imagens, signos linguísticos, palavras que correspondam à vontade do pensamento do sujeito que as deseja expressar, com sentido linguístico, a quem ouve. Durante a ação da fala de um orador, separe o processo que parte das lembranças das palavras escolhidas dispostas na mente do sujeito em seu discurso e os mecanismos corporais e veja que, por um curioso processo, estas palavras que saem da boca do orador se articulam entre a vontade de falar do sujeito, o cérebro e todo o sistema nervoso que põe em ação os mecanismos motores do corpo, por meio dos nervos bulbares da medula, desenhando a ação nascente da linguagem nos órgãos da fala.

Percebam que há diferença entre a *lembrança das palavras* do sujeito e o ato da fala, como um resultado do impulso da vontade de falar. Broca defendia que falamos com esta área cerebral denominada área de Broca. Ora, vejo que para Bergson, o som de uma fala sai da boca do sujeito, mas o que vem antes da palavra pronunciada que solta o som do verbo é uma estrutura orgânica material conectada a todo aparelho reprodutor da fala como a língua, a garganta, o pulmão, os músculos, os tendões etc.<sup>56</sup>.

Antes mesmo de toda esta estrutura temos um cérebro material que recebe ordens de uma mente pensante, uma mente que possui natureza distinta do cérebro, uma mente que sente vontade e escolhe então o corpo não fala por si só, existe uma vontade antes da fala do sujeito e penso que esta vontade vem do espírito<sup>57</sup>.

Mesmo nos casos de delírios mentais onde o sujeito pronuncia palavras aleatórias de forma inconsciente como no caso dos sonhos acompanhados de falas, quem fala é um sujeito, ora o que move os aparelhos da fala no corpo do sujeito em determinados estados sonambúlicos é uma consciência presente no corpo que experimenta algum tipo de sensação enquanto dorme, o resultado disto pode ser expresso como um reflexo, uma resposta de algo que foi percebido ou sentido pela

---

<sup>56</sup>Bergson, 2010, p. 128-129.

<sup>57</sup>*Ibidem*, 2010, p. 94.

consciência durante o sono que provocou o ato da pronúncia falada, a exemplo destes tipos cita os casos de doentes que respondiam perguntas por reflexos.

Já se viu dementes darem respostas inteligentes a uma série de questões que não compreendiam: a linguagem funcionava neles à maneira de um reflexo. (Bergson, 2010, p. 94.).

Sabemos que por trás da voz de um sujeito há um organismo conectado a um cérebro e neste cérebro uma mente pensante que conduz a linguagem como um maestro conduz uma orquestra, estas funções da fala, no sentido da linguagem organizada de forma temporal e simétrica das palavras, são arranjadas na área de Broca e outras áreas (como a área de Wernicke) que, por meio de um mecanismo mental, por meio das lembranças, possibilita o ato motor da palavra falada.

Para que haja uma solidariedade entre a nossa vida psicológica / mental e o corpo, é necessário que o cérebro esteja fisicamente em condições saudáveis, é necessário que haja um meio saudável entre a mente e o corpo para que possamos expressar nossas palavras e este meio é o cérebro que está no corpo e que faz parte da matéria corporal.

Diria que o cérebro é o órgão intermediador entre a *vontade do espírito* que lembra e a *ação do corpo* que se move no mundo. Corte esta ligação — o meio cerebral — o que teremos é um impulso da vontade, apenas uma vontade presa dentro de uma mente que não pode exercer o movimento no corpo, corte os meios que ligam a vontade do sujeito aos movimentos do corpo e o que teremos é à vontade apenas.

Broca e Wernicke afirmaram que se estas áreas do córtex cerebral, que levam os nomes deles, forem afetadas, perderemos determinadas funções motoras do corpo relacionadas à linguagem e ao entendimento da linguagem, assim como outras funções motoras da escrita, por exemplo.

O que realmente é atingido são as regiões sensoriais e motoras correspondentes a esse tipo de percepção, e, sobretudo os anexos que permitem acioná-las interiormente, de sorte que a lembrança, não achando mais a que se prender, acaba por tornar-se praticamente impotente. (Bergson, 2010, p. 207.).

Com o cérebro lesionado, o que o doente perde são determinadas funções relacionadas a algum movimento motor do corpo, ou a alguma percepção que dificulta o processo de reconhecimento e não a lembrança destas funções.

Para Bergson as lembranças mantêm-se vivas no espírito como lembranças espontâneas, mesmo quando perdemos os meios que movem as partes motoras do corpo. Ele diria que o que fica comprometido no caso das afasias cerebrais específicas como nos casos da *afasia de Broca*, ou no caso da *afasia de Wernicke*, inicialmente é um meio entre a lembrança do sujeito e a percepção, o cérebro.

Todos os fatos e todas as analogias estão a favor de uma teoria que veria no cérebro apenas um intermediário entre as sensações e os movimentos, que faria desse conjunto de sensações e movimentos a ponta extrema da vida mental. (Bergson, 2010, p. 208.).

O cérebro move o corpo no mundo e este cérebro afetado compromete o movimento do corpo, ele é o principal órgão motor de ação — e porque não de escolha também — pois ele está conectado a todo o sistema nervoso do corpo, logo conectado a todo corpo, ele é um meio entre a *lembrança dos atos* contidos na *memória espontânea* e os movimentos do corpo.

O cérebro está conectado a todas as extremidades e terminais nervosos espalhados pelo corpo e conectado a todos os sentidos do corpo, que percebe o mundo a sua volta recolhendo as imagens e guardando-as na memória.

O cérebro não deve portanto ser outra coisa, em nossa opinião, que não uma espécie de central telefônica: seu papel é "efetuar a comunicação", ou fazê-la aguardar. Ele não acrescenta nada àquilo que recebe; mas, como todos os órgãos perceptivos lhe enviam seus últimos prolongamentos, e todos os mecanismos motores da medula e do bulbo raquidiano têm aí seus representantes titulares, ele constitui efetivamente um centro, onde a excitação periférica põe-se em contato com este ou aquele mecanismo motor, escolhido e não mais imposto. (Bergson, 2010, p. 26.).

## **1.2 ÁREA DE WERNICKE, LEMBRANÇA AUDITIVA E CEGUEIRA VERBAL DISCUTIDA POR BERGSON**

Para que a lembrança da palavra se deixe evocar pela palavra escutada, é preciso ao menos que o ouvido ouça a palavra. De que maneira os sons percebidos irão falar à memória, de que maneira irão escolher, no armazém das imagens auditivas, aquelas que devem colocar-se sobre eles, se já não tiverem sido separados, distinguidos, percebidos, enfim, como sílabas e como palavras? (Bergson, 2010, p.125.).

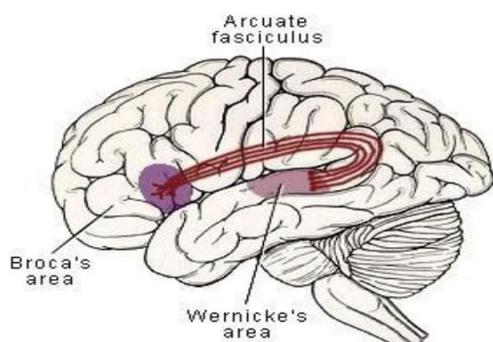
Assim como as discussões de Bergson sobre a área de Broca, as discussões sobre a lembrança auditiva, a cegueira verbal, entre outros tipos de distúrbios relacionados a *afasia de Wernicke*, como a área de Broca, foram analisadas por Bergson na obra *Matéria e Memória*, como uma forma de analisar a relação destes distúrbios mentais com as lembranças.

A região do cérebro responsável pelo entendimento da palavra ouvida, pelo ato de compreender a linguagem, pelo ato motor da escrita, pelas lembranças das imagens auditivas da fala, dos sons que ouvimos, que identificamos, entendendo simultaneamente por meio de todas as vibrações captadas pelo ouvido externo, entrando no ouvido interno e chegando ao cérebro do ouvinte, foi nomeada como *área de Wernicke*.

O nome de Wernicke está associado a várias terminologias médicas, como afasia de Wernicke, a área de Wernicke e a encefalopatia de Wernicke. A área de Wernicke está conectada à área de Broca, através do fascículo arqueado, localizada na região posterior do hemisfério esquerdo do giro temporal superior do cérebro.

As sinapses neurais envolvidas nesta relação confirmam o reconhecimento e o entendimento da linguagem, esta mesma área é responsável pela lembrança dos movimentos motores da escrita e da codificação mental das palavras durante uma leitura por exemplo. A imagem abaixo mostra a relação entre a área de Broca e a de Wernicke através do fascículo arqueado:

Figura 8 - **Circuito cerebral da expressão e da compreensão.**



Fonte: Guyton & Hall. Fisiologia Humana e Mecanismos de Doenças. Ed. Guanabara Koogan. 6 edição. 1996.

Essa relação entre as células neurais das regiões acima citadas se dá também durante o processo de aprendizagem e do entendimento lógico que é processado pelo intelecto, segundo Wernicke. Bergson disse que uma lesão nesta região do cérebro resulta em perdermos os *meios* materiais (cerebrais) que possibilitam a conexão com o aprendizado e as lembrança dos movimentos envolvidos neste processo psicomotor do corpo, tais como: o entendimento da linguagem escutada, o ato de escrever e o entendimento da leitura, como já foram citados antes, e não a *lembrança*do aprendizado.

Para Bergson, uma vez lesionada esta região, a possibilidade de atualização do movimento da compreensão da linguagem fica comprometida.

Acredita-se ser suficiente para explicar esse estado dizer que as lembranças auditivas das palavras são destruídas no córtex, ou que uma lesão, ora transcortical, ora subcortical, impede a lembrança auditiva de evocar a ideia, ou a percepção de unir-se à lembrança. (Bergson, 2010, p.125.).

A cegueira verbal, distúrbio do reconhecimento visual do entendimento do alfabeto, é discutida por Bergson em *Matéria e Memória*. O filósofo faz uma análise psicológica entre a lembrança das palavras lidas e a dificuldade em reconhecer palavras no ato da leitura. O esquecimento de algumas palavras durante uma leitura não é normal, digo isto porque quando lemos uma frase, um texto ou qualquer palavra que já ouvimos ou lemos antes, esta deveria estar registrada na memória e quando visualizarmos a palavra novamente deveríamos reconhecer tal imagem sem ficar em dúvida quanto à recordação da mesma.

No trecho abaixo, Bergson fala sobre outro distúrbio, envolvido em problemas relacionados às afasias cerebrais na área de Wernicke, como alguns tipos de surdez verbal.

Na surdez verbal, com efeito, o doente se encontra, com relação à sua própria língua, na mesma situação em que nós próprios nos encontramos quando ouvimos falar uma língua desconhecida. Geralmente ele conservou intacto o sentido da audição, mas não compreende nada das palavras que ouve pronunciar, e frequentemente inclusive nem chega a distingui-las. (Bergson, 2010, p.125.).

Bergson explica que, no caso da surdez verbal, o doente ouve o som das palavras, mas não compreende o significado delas: o afásico não consegue codificar os sons que ouve, não entende as palavras que escuta, é como um estrangeiro que desconhece a língua de um país enquanto a ouve. Ele ouve o som das palavras, mas não consegue associar ou organizar o entendimento do dialeto desconhecido.

Sabemos que para entender a palavra ouvida não basta apenas escutar o som, é necessário reconhecer e organizar o som através dos mecanismos mentais, por meio do intelecto, assim podendo entender o que se ouve de forma racional e lógica, exercendo nossa capacidade de memória.

Ouvir a palavra falada, com efeito, é primeiramente reconhecer seu som, em seguida identificar seu sentido, e finalmente buscar, mais ou menos longe, sua interpretação: em suma, é passar por todos os graus da atenção e exercer várias capacidades sucessivas da memória. (Bergson, 2010, p.124.).

## 2. AS DUAS MEMÓRIAS CITADAS POR BERGSON

As duas memórias citadas por Bergson na obra *Matéria e Memória* constituem de uma dualidade, ele afirma que durante a vida construímos duas memórias, uma corporal e outra espiritual, ambas se relacionam e distinguem-se entre si. Partindo desta análise, Bergson reconhece a realidade da matéria e a realidade do espírito a partir de sua teoria sobre a memória, afirmando que a memória está presente tanto na matéria corporal como no espírito.

Duas memórias por quê? E por que não apenas uma? Bergson afirma que possuímos duas memórias: uma de natureza muito curiosa, que registra e testemunha todos os instantes vividos por nós, guardando o passado na continuidade do presente e outra memória que é mais parecida com um hábito do que propriamente com uma memória, pois esta apenas *repete* os movimentos corporais como: andar, falar, dirigir, dançar etc.<sup>58</sup>.

Para Bergson, o corpo é um instrumento que recolhe e seleciona imagens no mundo e repete ações, essa repetição é decorada pela matéria corporal, o corpo repetindo os movimentos lembrados por esta memória nos acompanha na vida, esta seria a memória do corpo para Bergson, ela é coexistente à matéria corporal, nos auxiliando durante as ações que realizamos no presente.

A memória espiritual nos ajuda no processo de percepção das coisas no mundo durante a vida, ela é duração, esta memória que lembra pode realizar movimentos por meio do corpo, enquanto que a memória do corpo ou o (hábito) apenas repete os movimentos lembrados pelo sujeito, por si só o corpo preenchido com o cérebro não se lembra de nada.

Entendi a partir de Bergson, que a memória do corpo repete os movimentos apenas em ações não em tempo, pois todos os movimentos realizados pelo corpo por mais que sejam idênticos, se diferem uns dos outros temporalmente<sup>59</sup>, mesmo que seja realizado exatamente igual em ação, o tempo muda a todo instante, a repetição a memória habitual é realizada no presente e este recorte que existe entre

---

<sup>58</sup>Bergson, 2010, p. 86.

<sup>59</sup>(Frag. 49a) e 2) "não é possível entrar duas vezes no mesmo rio" (Frag. 91).  
COSTA, A. *Heráclito. Fragmentos contextualizados*. Tradução, apresentação e comentários:  
Alexandre Costa. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

ver também: DELEUZE, Gilles (2006). *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

o passado e futuro possui uma relação tanto vinculada à lembrança quanto vinculada à ação no instante presente .

Segue um trecho explicado por Bergson em que ele explica através do exemplo da lição que a memória que *lembra* antecede a ação do movimento que o corpo vai realizar no espaço, a memória que repete o movimento move o corpo no espaço presente apenas.

A lembrança da lição, enquanto aprendida de cor, tem todas as características de um hábito. Como o hábito, ela é adquirida pela repetição de um mesmo esforço. Como o hábito, ela exigiu inicialmente a decomposição, e depois a recomposição da ação total. Como todo exercício habitual do corpo, enfim, ela armazenou-se num mecanismo que estimula por inteiro um impulso inicial, num sistema fechado de movimentos automáticos que se sucedem na mesma ordem e ocupam o mesmo tempo. (Bergson, 2010, p. 86.).

Percebe-se que uma lição possui início, meio e fim, aprender é alimentar o espírito através do corpo e lembrar-se do que aprendeu, é imprimir em nossa mente uma memória que abarque o aprendido, é tomar posse do que se aprendeu, podendo lembrar em qualquer tempo o que se aprendeu. Esta talvez seja a função da memória espontânea ou espiritual: lembrar-se do que se passou para agir no presente com direcionamento das ações no sentido da vida.

O corpo, envolvido no processo da aprendizagem, memoriza, por um mecanismo dos movimentos motores do corpo “por hábito”, cada etapa do aprendizado. Por meio de um processo de repetição, o corpo acumula na lembrança o aprendizado que no futuro irá garantir a repetição novamente do movimento apreendido, em outras palavras, o aprendizado se constitui de duas formas<sup>60</sup> diria Bergson: no corpo, através do movimento de repetição ou do *hábito*, e no espírito através das *lembranças* do aprendizado, com data, registro, etapas, dificuldades etc.

Com o intuito de explicar as duas memórias, Bergson traz vários exemplos, tais como o da leitura: o armazenamento do que se lê, no desenrolar do processo de leitura, faz-nos perceber que, após a leitura, o livro encontra-se armazenado em nós não de forma quantitativa, mas de forma qualitativa, o conteúdo do livro após a leitura e o entendimento do mesmo agora está guardado de forma virtual<sup>61</sup> em uma memória que nos possibilita lembrar.

---

<sup>60</sup> Bergson, 2010, p. 85.

<sup>61</sup> Deleuze, Gilles, 1925-1995, *Bergsonismo* / Gilles Deleuze; tradução de Luiz B. L. Orlandi. - São Paulo: Ed. 34, 1999.

A lembrança de determinada leitura é uma representação, e não mais que uma representação; diz respeito a uma intuição do espírito que posso, a meu bel-prazer, alongar ou abreviar; eu lhe atribuo uma duração arbitrária: nada me impede de abarcá-la de uma só vez, como num quadro. (Bergson, 2010, p.87.).

O processo de armazenamento do aprendizado envolve as duas memórias, a habitual como um movimento de repetição, e a espiritual que lembra cada etapa do aprendizado. Esse processo se realiza entre o corpo (presente) que se move no mundo (aprendendo) e as lembranças do passado, um mecanismo simultâneo entre o passado e o presente, assim podem avançar na conclusão do aprendizado convertendo por um processo natural o aprendizado em representações virtuais na memória espiritual ou espontânea.

Aprender algo requer tempo, movimento, espaço, ação, prática, hábito, repetição e memorização, a memória funciona também como uma retentora de informações, podemos guardar por um longo ou um curto prazo o que foi aprendido, dormir, acordar e lembrar no outro dia o que se aprendeu no dia anterior portanto reafirmo que este fenômeno da mente, por mais misterioso que possa ser (o de guardar lembranças do passado no presente), é da nossa espécie, Bergson disse no trecho abaixo que a memória espiritual é uma verdadeira evolução em nossa espécie, pois se não lembro do momento anterior não realizo o movimento presente.

O espírito sendo já memória na percepção, e afirmando-se cada vez mais como um prolongamento do passado no presente, um progresso, uma evolução verdadeira. (Bergson, 2010, p. 260.).

Bergson era evolucionista, portanto ele afirmou na obra *Matéria e memória* que se há de fato algo em nossa espécie que possa se destacar como algo evolutivo no sentido da evolução de nossa espécie, este algo é a capacidade de lembrarmos, de recordarmos os instantes anteriores que foram vividos<sup>62</sup>.

É perceptível a diferença entre as duas memórias bergsonianas assim como a distinção entre o cérebro e os elementos subjetivos da mente, como as lembranças, por exemplo. O corpo está limitado apenas ao presente: através de um processo que recolhe e armazena imagens durante a percepção e a sensação, podemos reter ou agir no mundo através de movimentos do corpo repetidos pelo hábito (memória do corpo). Assim o filósofo elabora a hipótese a seguir.

Donde resultaria que as imagens passadas propriamente ditas conservam-se de maneira diferente, e que devemos, por conseguinte,

---

<sup>62</sup>Ver: Bergson, 2010, p. 85, onde filósofo afirma que o nosso passado sobrevive.

formular esta primeira hipótese: I. O passado sobrevive sob duas formas distintas: 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes. (Bergson, 2010, p.84.).

Por meio de um esforço da lembrança, podemos acessar as informações contidas em nossa mente de forma virtual, atualizando-as no corpo, estas lembranças espirituais para Bergson encontram-se adormecidas no campo da pureza ou das lembranças-puras em nossas memórias, recordamos delas através do movimento mental de lembrar, através do cérebro podemos mover o corpo no espaço, repetindo os movimentos aprendidos, além do mais as lembranças podem ser acessadas em um momento que estivermos aprendendo uma nova lição, sem anular as informações já contidas em nossos conjuntos de lembranças presentes na memória espiritual, que se diferencia a cada instante por nunca ser a mesma.

Já se sabia na época de Bergson que o cérebro se relaciona com todo o corpo e com a nossa mente através dos *nervos aferentes* e dos *nervos eferentes*, e todo conjunto de sistema orgânico presentes em todo interior do corpo, etc. Esta extensão do cérebro distribuída por todo corpo age junto com o corpo: percebam que há um centro<sup>63</sup> que recolhe as imagens do mundo e comanda a ação dos movimentos do corpo, um centro necessário para guiar a matéria corporal, de forma inteligente e necessária para o sentido da vida.

Percebo nervos aferentes que transmitem estímulos aos centros nervosos, em seguida nervos eferentes que partem do centro, conduzem estímulos à periferia e põem em movimento partes do corpo ou o corpo inteiro. (Bergson, 2010, p.13.).

Os estímulos que afetam o corpo no mundo através da percepção dos sentidos, entram como setas em direção aos centros nervosos, estes estímulos recebidos causam sensações, reações, emoções, reflexões e estas percepções, sensações etc. estão em contato direto com as lembranças e podem ser retidas ou transmitidas aos movimentos do corpo por um reflexo impensado ou por uma escolha do sujeito, por meio de uma extensão corporal movendo o corpo no espaço, ou seja, por um movimento pensado antes da ação que será executada.

A partir dos meus entendimentos sobre a filosofia de Bergson, no que diz respeito ao corpo, este me parece ser um mecanismo móvel conectado ao sistema nervoso central e periférico com suas articulações que vai desde os tendões, os

---

<sup>63</sup>Ver: Bergson, 2010, p.26. Onde Bergson compara o cérebro com uma central telefônica.

ossos, os músculos e suas funções biológicas, seu movimento no espaço ou no mundo limitaria à liberdade do espírito para Bergson, o corpo limita os movimentos corporais desejados pelo impulso da vontade do espírito, pois se o espírito pudesse por meio dos movimentos corporais ir além da matéria, ele se elevaria não somente de forma subjetiva mas também em ações.

O corpo, no meio dessas duas condições aferente e eferente, é um condutor, uma espécie de centro de ação diria Bergson. Guardamos em nossas memórias as imagens das percepções e as sensações, enquanto percebemos e lembramos as imagens selecionadas que obtemos e recolhemos ao redor do corpo ao longo do tempo no espaço por meio dos sentidos e pela repetição dessas imagens são apanhadas pelos sentidos que são direcionadas a locais bem específicos dos centros nervosos cerebrais.

A retenção do que se aprendeu ou daquilo que percebemos não está no campo de ação enquanto retidas, estas se encontram no campo mental e passam a se atualizar, quando trazemo-las para o atual, por meio das lembranças-imagens, que apresentam à consciência o esboço que desenha as ações nascentes.

Surgem aqui os possíveis movimentos motores do corpo que o espírito deseja realizar no presente. Segundo o filósofo o nosso corpo é matéria, disto não tenhamos dúvida, e por ser matéria é quantitativo, além do mais o filósofo afirmou ser o corpo orgânico uma imagem.

Meu corpo é, portanto, no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em certa medida, a maneira de devolver o que recebe. (Bergson, 2010, p.14.).

A relação do corpo com a percepção envolve a lembrança do passado, se não fosse assim provavelmente todas as vezes que percebêssemos algo através dos sentidos não o reconheceríamos, por não nos lembrarmos de ter visto antes, como em alguns casos de *cegueira psíquica*<sup>64</sup>, um tipo de distúrbio mental que impede ou incapacita o doente de reconhecer os objetos percebidos.

Reconhecer um objeto usual consiste sobretudo em saber servir-se dele. Isso é tão verdadeiro que os primeiros observadores deram o nome de

---

<sup>64</sup>Cegueira psíquica: Perturbação da percepção visual psicologicamente determinada. Ver: Kussmaul, *Les troubles de la parole*, Paris, 1884, p. 233; - Allen Starr, "Apraxia and Aphasia" {*Medical Record*, 27 de outubro de 1888). — Cf. Laquer, "Zur Localisation der sensorischen Aphasie" (*Neurolog. Centralblatt*, 15 de junho de 1888), e Dodds, "On Some Central Affections of Vision" (*Brain*, 1885).

aproxia a essa doença do reconhecimento que chamamos cegueira psíquica (Bergson, 2010, p. 104.).

Na continuação deste trabalho, explicarei do que se trata o reconhecimento para Bergson, assim como os dois tipos de reconhecimento abordados por ele na sua filosofia (o reconhecimento atento e o reconhecimento por hábito). A esse respeito, o filósofo afirma que nem todo reconhecimento implica em uma imagem já vista antes e ele diz mais: se conseguimos, por meio da memória espiritual, evocar imagens sem nos depararmos com esta no presente, bastaria um esforço para lembrar-se de algo que já foi percebido antes, esta seria a explicação mais rasa sobre a lembrança-pura, uma noção trazida por Bergson para explicar a duração.

Esta é a função da memória verdadeira: “lembrar”. Lembrar-se do que passou e esta habilidade mental é vital para a adaptação de nossa espécie ao mundo<sup>65</sup>.

Este esforço de buscar no passado por meio de representações das lembranças contidas em nós, que como uma duração nos garante o reconhecimento das coisas do mundo, pois, quando aprendemos algo, de fato, já nos lembramos.

Já diria Bergson: Perceber é lembrar, logo perceber é memorizar<sup>66</sup>. O corpo como matéria, envelhece e morre, além do mais, a matéria corporal é passiva de sequelas e danos sensoriais motores como, por exemplo, as lesões cerebrais, que podem comprometer a percepção de um dos sentidos ou até mesmo comprometer um movimento motor específico do corpo, um dano cerebral pode impedir a capacidade de novas aprendizagens enquanto que a lembrança do que se aprendeu após um trauma, sobrevive de forma imaterial no espírito, para Bergson.

O exercício, a prática ou a repetição daquilo que aprendemos através dos movimentos motores do corpo como: andar de bicicleta ou dirigir um automóvel, por exemplo, garante ao sujeito um melhor desempenho na execução deste movimento, a ponto do corpo agir de forma *automática*, sem a necessidade de ficarmos a todo instante lembrando-se de tal movimento aprendido — o corpo memoriza os movimentos repetidos por uma memória habitual, como já foi explicado antes.

Bergson diria que esta primeira memória (habitual) é uma memória dos mecanismos motores do corpo, uma memória obtida por meio de repetição, então não mereceria ser chamada de memória de fato, é apenas *hábito*. Enquanto que a

---

<sup>65</sup>Bergson, 2010, p.176-77.

<sup>66</sup>“Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças”.(Bergson, 2010, p.30.)

segunda memória ou a memória espontânea (espiritual) esta sim é a verdadeira memória, pois ela guarda todo o nosso passado, o passado da vida do sujeito.

Abaixo segue um trecho em que o filósofo afirmou que podemos ter a ilusão de que a memória do corpo pode ser confundida com a memória espontânea ou até dar a ilusão dela e vice-versa “Dessas duas memórias, das quais uma imagina e a outra repete, a segunda pode substituir a primeira e frequentemente até dar a ilusão dela. (Bergson, 2010, p.89”).

Bergson, além de dualista, era espiritualista, e afirmou que a espécie humana possui dois tipos de memórias de características distintas. Como já havia afirmado antes, Bergson, em suas investigações, afirmou que a lembrança do passado é espiritual e não corporal, enquanto que a repetição dos movimentos, ou seja, o hábito é uma memória corporal.

## **2.1. A MEMÓRIA ESPIRITUAL / ESPONTÂNEA E A MEMÓRIA CORPORAL / HABITUAL**

Dessas duas memórias, a primeira é verdadeiramente orientada no sentido da natureza; a segunda, entregue a si mesma, iria antes em sentido contrário. A primeira, conquistada pelo esforço, permanece sob a dependência de nossa vontade; a segunda, completamente espontânea, é tanto volúvel em reproduzir quanto fiel em conservar. (Bergson, 2010, p. 97.).

No trecho acima Bergson afirma ser a primeira memória; a memória do corpo ou a memória *habitual*, enquanto que a segunda; é a memória espontânea ou espiritual. A primeira (corporal/habitual) esta é conquistada pelo esforço dado pela repetição dos movimentos do corpo, tornando-se um hábito memorizado pelo corpo, enquanto que a segunda (espiritual/espontânea) tem por função; lembrar-se de todos os movimentos efetuados pelo corpo no espaço, a primeira repete os movimentos lembrados pela segunda que busca no passado uma lembrança que representa o movimento que será realizado pelo corpo no futuro.

Enquanto que a primeira depende da vontade do sujeito para lembrar e reproduzir o movimento, a segunda não reproduz nada por si só, mas guarda a lembrança das ações possíveis que o corpo em prontidão executa, a primeira atualiza a segunda no presente que passa a cada instante, a segunda se move entre o passado e o presente do corpo a primeira é impotente, e se o corpo e seus mecanismos estiverem comprometidos por alguma lesão que possa abolir um

Hábito, o processo entre o virtual (a lembrança) e a atualização do movimento do corpo no presente ficará comprometido.

No aprendizado de uma coreografia, por exemplo, se o dançarino não se lembrar dos passos aprendidos não irá colocar o corpo em movimento, se não movimentar o corpo não irá atualizar o hábito aprendido. Essa seria a primeira memória, a memória do corpo ou a memória *habitual*. Para compreendermos a segunda memória – a memória espontânea ou espiritual – partamos da seguinte análise.

A primeira memória, a corporal/habitual, é obtida pela repetição dos movimentos do corpo, mas só voltamos a repetir novamente um determinado movimento se nos lembrarmos do mesmo movimento, o espírito lembra e o corpo reproduz por isto que a memória do corpo é um hábito e não uma memória propriamente dita, se é que a memória do corpo possa ser chamada de memória.

Enquanto que a segunda, a memória espiritual/espontânea, tem por função lembrar-se de todos os movimentos armazenados na memória espiritual, todos aqueles movimentos que já foram realizados pelo corpo anteriormente, necessariamente devem ser lembrados para que possamos voltar a repeti-los no presente.

A primeira memória, a habitual, repete por hábito, enquanto a segunda rememora, por meio das lembranças. A segunda memória, a memória espontânea/espiritual, busca no passado uma lembrança que se atualiza na ação prática do movimento escolhido — aquele que o corpo realizará na ação do presente.

A primeira memória, a habitual, é potente em ação, porém, sem a memória espontânea/espiritual, ela é incapaz de mover-se com sentido consciente para a vida. Enquanto isso, a memória espontânea/espiritual direciona as ações do corpo no presente, buscando no passado uma lembrança que inicia a ação do corpo no presente a partir do cérebro, este mesmo órgão põe em ação os mecanismos motores do corpo<sup>67</sup>.

Bergson diz em *Matéria e Memória* que o cérebro danificado compromete o movimento motor do corpo especificamente relacionado à parte do cérebro afetada, assim o corpo não repete mais a ação que o espírito lembra e deseja. Para Bergson,

<sup>67</sup>(Bergson, 2010, p.88-89)

o corpo afetado compromete a primeira memória (hábito) e não a memória espontânea/espiritual. A memória corporal (hábito) é mecânica, é quantitativa enquanto que a natureza da memória espontânea (espiritual) é qualitativa.

Dessas duas memórias, a primeira é verdadeiramente orientada no sentido da natureza; a segunda, entregue a si mesma, iria antes em sentido contrário. A primeira, conquistada pelo esforço, permanece sob a dependência de nossa vontade; a segunda, completamente espontânea, é tanto volúvel em reproduzir quanto fiel em conservar. (Bergson, 2010, p. 97.).

Dessas duas memórias, a primeira (habitual), como Bergson afirmou no trecho acima, “é orientada no sentido da natureza”. A memória espontânea/espiritual, por sua vez, “entregue a si mesma, iria antes ao sentido contrário”. O sentido contrário que a memória espontânea / espiritual seguiria, entregue a si mesma, seria o sentido que vai em direção ao passado e esta é a direção da lembrança; enquanto que o corpo na vida tende a seguir o fluxo em direção ao futuro, ou adiante; “cujo movimento para diante nos leva a agir e a viver.” (Bergson, 2010, p. 90.).

Uma lembrança difere de uma repetição, pois repetir implica movimento, e movimento implica espaço, enquanto que o lembrar de não é um movimento. Bergson disse que há uma diferença radical entre um movimento realizado pelo corpo e uma lembrança que, por um esforço mental, o espírito traz da lembrança pura.

O filósofo reafirma a distinção entre as duas memórias, afirmando que repetir uma ação requer movimento e para a física movimento é mudança de um objeto ou de um ponto material em relação a um referencial relacionado, em relação a um tempo que passa, assim tudo que está no espaço é submetido ao tempo que avança a cada instante.

O corpo se move no espaço, a lembrança não. Buscar uma lembrança do passado não é movimento especializado. Quando nos lembramos de algo do passado, buscamos de forma mental, virtual, imagem do passado e para isto não precisou deslocar o corpo no espaço que ocupamos, para lembrarmos basto um esforço do espírito para trazer a lembrança-imagem evocada para a consciência.

Nesse sentido, a memória espontânea/espiritual registra a todo instante da vida todos os momentos da duração. Percebe-se claramente que as discussões entre a duração e o espaço, abordadas na filosofia de Bergson para explicar a

relação entre o mundo material corporal e o mundo imaterial, mental, espiritual, estão atrelados aos estudos da temporalidade.

Mas como não reconhecer que a diferença é radical entre o que deve se constituir pela repetição e o que, por essência, não pode se repetir? A lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data. Ao contrário, a lembrança aprendida sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada. (Bergson, 2010, p.90-91.).

No trecho acima, extraído de *Matéria e Memória*, Bergson diz que a lembrança espontânea é “imediatamente” perfeita, pois ela é duração e mesmo que mudássemos a forma de executar uma ação no mundo através do hábito, através do corpo, não mudaremos a forma anterior já registrada antes pelo espírito, apenas acrescentaríamos a esta duração uma nova lembrança com data e registro: “ela conservará para a memória seu lugar e sua data”.

A memória corporal ou habitual ao contrário, como ele diz, sendo executada no espaço de maneira cada vez mais eficaz ou diferente das anteriores distingue-se da memória espiritual. Esta torna possível uma novidade, a partir das lembranças espontâneas, na medida em que ela registra todos os acontecimentos da vida do sujeito na duração da vida. Esta é a diferença entre a memória espiritual ou espontânea e a memória corporal/habitual para Bergson.

## **2.2. AS AFASIAS DE BROCA E DE WERNICKE EXPLICADAS POR BERGSON**

A concepção da afasia, concepção que então era clássica, universalmente aceita e tida por intangível, vem sendo fortemente atacada há alguns anos, sobretudo por razões de ordem anatômica, mas em parte também por razões psicológicas do mesmo tipo das que expúnhamos já naquela época. E o estudo aprofundado e original que Pierre Janet realizou das neuroses o conduziu, nos últimos anos, por caminhos bem diferentes e através do exame das formas "psicastênicas" da doença, a empregar aquelas considerações de "tensão" psicológica e de "atenção à realidade" inicialmente qualificadas de visões metafísicas. (Bergson, 2010, p.8.).

Segundo as ciências do cérebro, afasias são distúrbios de linguagem provocada por algum tipo de acidente, seja por um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVCH) ou isquêmico (AVCI), seja causado por um traumatismo craniano ou mesmo causado por um tumor cerebral. Existem vários tipos de síndromes afásicas, e as possíveis dificuldades que o doente terá dependem do tipo de afasia.

As afasias cerebrais que tratarei neste tópico serão a afasia de Broca e a

afasia de Wernicke, ambas ganharam o nome dos médicos em questão por terem sido eles a descobrir as regiões cerebrais responsáveis pelos movimentos motores da linguagem, após descobrirem e perceberem que todos os seus pacientes que sofriam com algum distúrbio de linguagem apresentavam uma lesão nas mesmas áreas do córtex-cerebral durante os exames pós-morte, eles deduziram que era por estes motivos que seus pacientes não conseguiam se comunicar ou entender a linguagem adequadamente.

A imagem abaixo mostra a localização das áreas de Broca e Wernicke no córtex-cerebral. Os cérebros dos pacientes que sofriam de distúrbio de linguagem apresentavam lesão em alguma dessas áreas.

Figura 9 - **regiões do cérebro onde estão localizadas a área de Broca a esquerda e à direita área de Wernicke.**



Fonte: <https://stimuluspro.com/blog/afasia-de-broca> acessado em 20 de janeiro de 2020. Esta imagem provém do Wikimedia Commons, um acervo de conteúdo livre da Wikimedia Foundation.

A tabela abaixo na próxima página mostra os vários tipos de afasias e os distúrbios que cada uma delas provoca no doente. Neste trabalho, como já foi dito, concentrar-me-ei apenas na afasia de Broca e de Wernicke.

Figura 10 - Quadro dos tipos de afasias.

	Fluência	Compreensão	Nomeação	Repetição
Afasia Global	–	–	–	–
Afasia de Broca	–	+	–	–
Afasia de Wernicke		–	–	–
Afasia de Condução	+	+	+ / –	–
Afasia Anômica	+	+	–	+
Afasia Transcortical Mista	–	–	–	+
Afasia Transcortical Sensorial	+	–	–	+
Afasia Transcortical Motora	–	+	–	+
Surdez Verbal Pura	+	–	+	–

Fonte: <https://aprenderumacoisanovapordia.blogs.sapo.pt/o-que-e-a-afasia-81071>. Consultado em 23 de janeiro de 2020. Adaptado por Cristiano da Silva Lima.

Explicarei a afasia de Broca aquela que compromete a região cerebral descrita como a terceira circunvolução frontal, aquela em que a substância branca subcortical presente nesta região e partes dos gânglios da base são afetadas, as lesões nestas regiões do córtex torna o doente preso a um estado de *agramatismo*<sup>68</sup>, entre outras alterações e distúrbios de linguagem que este tipo de afasia causa ao doente.

A afasia de Wernicke foi identificada na região da parte superior e posterior do hemisfério esquerdo da face externa do lobo temporal<sup>69</sup>. Geralmente este tipo de afasia causa perturbação de nomeação e de compreensão auditiva, o doente possui um discurso dito *programático*, apresentando quadros de *parafasias verbais*<sup>70</sup> entre outros sintomas que foram identificados e catalogados como, por exemplo, a troca de uma palavra por outra, além disso, esses pacientes apresentavam um quadro de *parafasias holofrásticas*<sup>71</sup>.

Um trauma craniano pode afetar e danificar várias regiões do cérebro, não se restringindo necessariamente à região lesionada. Pois além do local do trauma ou do acidente, outras regiões cerebrais podem ser afetadas, enquanto que no caso

<sup>68</sup> Agramatismo: afasia caracterizada por uma perturbação da sintaxe, que se manifesta através de uma forma de estilo telegráfico.

<sup>69</sup> Informações fornecidas por Benson, D. F.: Aphasias, Alexia, and Agraphia. New York, Churchill Living-stone, 1979.

<sup>70</sup> Parafasias verbais: é um tipo de erro na expressão da linguagem associado com a afasia é caracterizado pela produção involuntária de sílabas, palavras ou frases durante a fala.

<sup>71</sup> Parafasia holofrástica: é um tipo de erro na expressão da linguagem associado à afasia em que a frase se resume numa só palavra.

dos acidentes vasculares as afasias são bem específicas, pois a hemorragia se espalha na região neural onde houve o rompimento arterial comprometendo apenas a região afetada<sup>72</sup>.

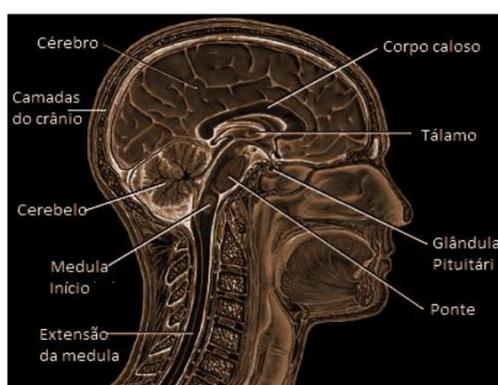
Para Bergson, o sujeito afásico fica incapacitado de lembrar-se do movimento motor, por não haver mais conexão que possa dar “progresso contínuo” entre o espírito que lembra e a região cerebral do corpo que foi afetada e comprometida. Dessa forma, a lembrança se torna incapacitada de se atualizar.

A pretensa destruição das lembranças pelas lesões cerebrais não é mais que uma interrupção do progresso contínuo através do qual a lembrança se atualiza. (Bergson, 2010, p. 146.).

O encéfalo em todo seu composto é extremamente delicado, ele é protegido pelo crânio e pelas camadas da meninge que o recobre, a região mais superficial do encéfalo, o córtex-cerebral, também chamado de telencéfalo, é o cérebro dividido em hemisférios direito e esquerdo.

Nesta região encontram-se os lobos cerebrais, além desta estrutura, o encéfalo tem a parte mais complexa e mais profunda composta pelo corpo caloso, diencéfalo, tronco encefálico, que estão conectados à medula cervical, estendendo-se por todo o corpo através dos bulbos nervosos, como mostra a figura abaixo:

Figura 11- corte lateral do encéfalo humano e algumas partes.



Fonte: Alteração da imagem original feita por Cristiano da Silva Lima, a partir do livro: NETTER, Frank H.. Atlas de Anatomia Humana. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Nos casos de afasias cerebrais, a região cerebral afetada compromete o movimento motor específico do corpo e o progresso contínuo que a lembrança

---

<sup>72</sup>Lichtheim, "On Aphasia" (Brain, janeiro de 1885, p. 447).

precisa para se atualizar agindo no espaço. Por exemplo, uma afasia na área de Broca, em que o sujeito perde a capacidade de realizar o ato motor da fala em sua plenitude, em que o sujeito sente dificuldade para pôr em ação o aparelho motor da fala, o qual requer um conjunto de estruturas materiais orgânicas necessárias para o hábito.

Inicialmente, a “vontade de falar”, ou o impulso da vontade, que segundo Bergson vem do espírito, põe em ação o encéfalo e as regiões cerebrais envolvidas, os nervos, os pulmões, a laringe, as cordas vocais, os músculos, a língua, os lábios etc.

A cada sílaba pronunciada corresponde, portanto a entrada em jogo de um conjunto de mecanismos, inteiramente comandados nos centros medulares e bulbares. Esses mecanismos estão ligados aos centros superiores do córtex pelos prolongamentos cilindro-axiais (axônios) das células piramidais da zona psicomotora; é ao longo dessas vias que segue o impulso da vontade. (Bergson, 2010, p. 128.).

Bergson diria que o sujeito afásico na área de Broca, por exemplo, tem dificuldades para falar porque o esforço da vontade de falar não se atualiza na matéria cerebral que, que como sua função seria mover os mecanismos motores da fala.

A lembrança da palavra só pode atualizar um movimento no corpo se o cérebro não estiver comprometido, uma vez afetado o cérebro, a *vontade de lembrar* -se da palavra que deveria sair junto com a voz no ato motor da fala vai ao encontro das lembranças-imagens, mas não encontra *imagens* que possam representar a fala.

III. Passa-se, por graus insensíveis, das lembranças dispostas ao longo do tempo aos movimentos que desenham sua ação nascente ou possível no espaço. As lesões do cérebro podem atingir tais movimentos, mas não tais lembranças. (Bergson, 2010, p.85.).

Bergson, no trecho acima, afirma que as lesões do cérebro atingem os movimentos do corpo e não as lembranças dos movimentos, pois estas estão contidas no espírito, adormecidas em uma região que ele chamou de *lembranças-puras*, um campo espiritual presente no corpo humano.

### 2.3. O RECONHECIMENTO ATENTO E O RECONHECIMENTO POR HÁBITO

Antes de iniciarmos este tópico, sinto a necessidade de esclarecer em que consiste a *atenção* para Bergson.

Em que consiste a atenção? De um lado, a atenção tem por efeito essencial tornar a percepção mais intensa e destacar seus detalhes considerada em sua causa, ela se reduziria, portanto a uma certa intensificação do estado intelectual. (Bergson, 2010, 112-13.).

Reconhecer algo de forma atenta é diferente de reconhecer algo apenas por hábito. Segundo Bergson, o reconhecimento por hábito é não atento, este tipo de reconhecimento é um reconhecimento que ele chamaria de “reconhecimento por distração”, enquanto que o reconhecimento *atento* é aquele que exige a intervenção regular das lembranças-imagens durante a percepção, enquanto percebemos um objeto.

Bergson pergunta se nos casos em que o reconhecimento é atento, ou seja, em que as lembranças-imagens juntam-se regularmente à percepção presente, se é a percepção que determina mecanicamente o aparecimento das lembranças na mente, ou se são as lembranças que aparecem na mente é que vão espontaneamente ao encontro da percepção.

Mas devemos passar agora do reconhecimento automático, que se realiza, sobretudo por movimentos, para aquele que exige a intervenção regular das lembranças-imagens. O primeiro é um reconhecimento por distração: o segundo, como iremos ver, é o reconhecimento atento. (Bergson, p.110 -11.).

Estas questões levaram Bergson a afirmar a segunda possibilidade; para ele, a relação entre o processo de reconhecimento de um objeto no mundo e as lembranças envolvidas neste processo não são mecânicas. Bergson teoriza sobre a essa relação, pensando, por um lado, o objeto, por outro, o sujeito, e por fim o esforço do espírito no reconhecimento do objeto.

Na passagem abaixo, Bergson afirma que a operação da memória do sujeito no processo de reconhecimento de um objeto, percebido por qualquer um dos sentidos, faz se de duas formas.

II. O reconhecimento de um objeto presente se faz por movimentos quando procede dos objetos, por representações quando emana do sujeito. (Bergson, 2010, p. 84.).

- Reconhecimento por movimento: Quando procede do objeto, quando o objeto se move na percepção do sujeito, assim o sujeito reconhece o objeto percebido pelo movimento que o objeto realiza no espaço.

- Reconhecimento por representações: quando o sujeito evoca lembranças-imagens que possam dar significado e permitir o reconhecimento ao objeto que experimentamos por meio da percepção no presente.

A lembrança de uma memória que buscamos no passado retira o corpo de um estado de repouso mental, porém o corpo em si pode permanecer imóvel no espaço enquanto buscamos tal lembrança do passado, surgem aí lembranças-imagens que, por um esforço do espírito, as imagens do passado aparecem como uma representação à consciência.

Tanto a lembrança quanto à percepção se misturam neste processo, há um acordo entre o sujeito e o mundo. Bergson afirma que este contato entre o espírito que percebe e o objeto, é uma espécie de endosmose, esta comparação que o filósofo faz é porque o significado de endosmose trata-se de uma corrente que se estabelece de fora para dentro entre duas soluções de concentrações diferentes, separadas por uma parede membranosa muito delgada, ou seja, entre a percepção ou a sensação que recolhemos por meio dos sentidos e o mundo, o corpo é o centro no meio desse processo, a percepção provoca a lembrança, a lembrança se lança na percepção e neste processo o corpo como uma parede membranosa faz a ponte entre estes dois atos um que está na duração, ou seja, a lembrança e outro que está na extensão, ou seja, a percepção dos objetos e das coisas ao nosso redor como diria Bergson.

Estes dois atos, percepção e lembrança, penetram-se, portanto sempre, trocam sempre algo de suas substâncias mediante um fenômeno de endosmose. (Bergson, 2010, p.70.).

### **3. OS GRAUS DE DURAÇÃO**

A duração representada pela grandeza interior de nossa espécie possui características distintas da *extensão*, que é representada pelo espaço. Para Bergson, elas se misturam de algum modo em nós, à duração estando vinculada à lembrança e a percepção estando atrelada à extensão.

Essas duas estão tão bem misturadas em nós que encontrar uma duração pura neste processo ou encontrar um elemento que representa a extensão como

algo independente da duração se torna uma tarefa difícil, pois, quando tentamos fazer isso, vemos que uma está inserida na outra e vice versa dificultando assim a precisão de suas distinções.

Na tentativa de distingui-las, o que percebemos, segundo Deleuze, é apenas as diferenças de graus entre os elementos da duração (lembranças) e os elementos da extensão (percepção).

Misturamos lembrança e percepção; mas não sabemos reconhecer o que cabe à percepção e o que cabe à lembrança; não mais distinguimos na representação as duas presenças puras da matéria e da memória, e somente vemos diferenças de grau entre percepções-lembranças e lembranças-percepções. (Deleuze, 1966, p.14.).

Deleuze explica no trecho acima o que Bergson havia afirmado em *Matéria e Memória*, que nossas percepções estão impregnadas de lembranças. Verificamos, desse modo, que não é fácil distinguir ambas, pois neste processo de mistura é muito difícil afirmar onde começa a percepção e onde termina a lembrança, onde começa a lembrança e onde termina a percepção, ambas envolvidas na representação.

Outro filósofo e comentador de Bergson que gostaria de trazer para tal discussão acerca da duração é o francês Frédéric Worms, professor de filosofia da *École Normale Supérieure* de Paris. Worms explica sobre a natureza da duração na obra *Bergson, ou os dois sentidos da vida*, corroborando com a explicação sobre a duração apresentadas por Bergson.

Deleuze afirmou ser a duração uma continuidade indivisível. Tudo o que buscamos é fornecer algumas definições básicas do que se sabe sobre a duração bergsoniana, em sua pretensão de isolar seu conceito do conceito de extensão<sup>73</sup>.

A duração, em seu significado mais profundo, parece adotar um caráter mais amplo, porém esta definição trazida por estes dois comentadores de Bergson não foge ao princípio metafísico que recobre o significado do conceito de duração tratado nas obras de Bergson. Particularmente, penso que a duração e seus graus estão em conservar o passado que encerra a cada instante no corpo que está posicionado no espaço.

Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se

---

<sup>73</sup>Ver: Deleuze, Gilles, *Bergsonismo* / Gilles Deleuze; tradução de Luiz B. L. – Orlandi. - São Paulo: Editora 34. 1999.

realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida. (Bergson, 2010, p.179.).

No Livro *Consciência e memória*, da professora de Filosofia da UFSCar Débora Cristina Morato Pinto, ela reforça-se o que Bergson havia afirmado em *Matéria e Memória*, quando este explicava que; o pensamento, no processo de aprendizado, é sustentado pela memória. Entendo que a espécie humana é capaz de lembrar-se do que aprende através das vivências passadas, como já foi dito anteriormente neste trabalho.

A partir disso, a autora trata das noções acima citadas como elementos comuns entre si, trazendo o tempo como um elemento que está intrinsecamente imbricado nesta relação entre a duração, a consciência, a memória, o corpo, os sentidos e a percepção.

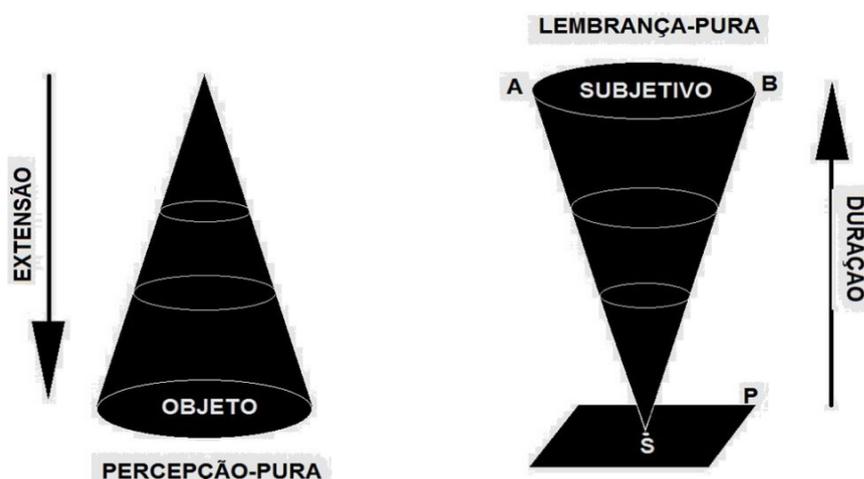
Pinto reforça em sua obra<sup>74</sup> que Bergson não admite a divisão da consciência em estados, o que há são *mudanças*, isto está relacionado, por sua vez, à *diferença*<sup>75</sup>. Explicada por Deleuze. Percebo que, em suas análises, a autora concorda não somente com Bergson e Deleuze, ao afirmar que a duração, a consciência e a memória são dinâmicas e fluem constantemente, mas também que é difícil encontrar um elemento que represente uma pureza de duração ou uma pureza de extensão. A discussão sobre a duração ou os graus de duração e a extensão trazida por Bergson pode ser ilustrada da seguinte maneira:

---

<sup>74</sup>Morato, Débora P; *Consciência e Memória*. - São Paulo: WMF Martins Fontes,2013. p.375.

<sup>75</sup>Deleuze, Gilles (2006). *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

Figura 12 - Gráfico Cone de Bergson, representando a extensão (à esquerda) e à duração (à direita).



Fonte: Arte Cristiano da Silva Lima a partir de exemplos do Prof. Dr. Fernando Monegalha em sala de aula.

No cone da esquerda, que representa os graus de extensão, cada círculo que se estende em direção ao objeto representa um grau de percepção em direção e em torno do objeto, enquanto que na imagem da direita, os círculos que sobem em direção à lembrança pura indicam que ela é imóvel, ela registra todos os instantes vivenciados pelo corpo (que ocupa o ponto S no espaço). (ABS) é a totalidade imóvel das lembranças, P é o espaço no qual o corpo está inserido e S é o presente corporal.

Se eu representar por um cone SAB a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base AB, assentada no passado, permanece imóvel, enquanto o vértice S, que figura a todo momento meu presente, avança sem cessar, e sem cessar também toca o plano móvel P de minha representação atual do universo. Em S concentra-se a imagem do corpo; e, fazendo parte do plano P, essa imagem limita-se a receber e a devolver as ações emanadas de todas as imagens de que se compõe o plano. (Bergson, 2010, p.178.).

### 3.1. A MEMÓRIA E O CORPO (CÉREBRO E IMAGENS)

A relação entre a memória e o corpo (matéria), o corpo e o cérebro, o cérebro e todas as percepções sensorio-motoras dos sentidos e as imagens de modo geral, funciona de forma conjunta e quase que instantânea durante o funcionamento completo dos movimentos motores realizados pela matéria corporal no espaço.

A exemplo do processo em que captamos um som (imagem auditiva), uma sensação visual (imagem visual), um cheiro (imagem olfativa), a sensação do toque

na pele (imagem tátil) ou um gosto amargo que experimentamos (imagem do paladar) captamos imagens de dentro do corpo, que também é uma *imagem* segundo Bergson, pois o corpo é matéria.

No sentido mais vago que se possa falar sobre imagens, todas essas experiências empíricas recolhidas através da percepção nos causam sensações, que são conservadas na memória, nos auxiliando para os movimentos motores do corpo no espaço através das lembranças-imagens que se apresentam à consciência sempre que a buscamos na lembrança pura.

Em outras palavras, o cérebro nos parece um instrumento de análise com relação ao movimento recolhido e um instrumento de seleção com relação ao movimento executado. (Bergson, 2010, p. 27.).

O cérebro, para Bergson, é um instrumento de análise quando recolhe as imagens e um instrumento de seleção quando escolhe mover o corpo no mundo. Quanto ao reconhecimento da imagem percebida, o cérebro apenas confirma a ação presente que o corpo realizou no mundo, assim o cérebro confirma no próprio gosto, no próprio cheiro, na própria imagem visual, ele reconhece essas imagens e reage corporalmente.

Eis-me, portanto em presença de imagens, no sentido mais vago em que se possa tomar essa palavra, imagens percebidas quando abro meus sentidos, despercebidas quando os fecho. (Bergson, 2010, p.13.).

Bergson, fala do corpo antes de falar das memórias, e fala dos movimentos do corpo para então falar da memória dos movimentos de ação do corpo. Bergson classifica esses movimentos do corpo em dois tipos:

- Movimentos determinados: A ação que o corpo realiza no presente pode ser fruto de um dado reflexo diante da percepção presente. O susto, por exemplo, movimenta o corpo de forma precisa e determinada e sempre que o corpo se assusta no mesmo grau anterior, realiza os mesmos movimentos determinados.
- Movimentos voluntários: Se a ação que o corpo realiza no presente for *escolhida*, ou seja, pensada, retida na mente antes de agir, a ação é voluntária. Reparem que para Bergson, há uma distinção entre uma *ação reflexa* e uma *ação escolhida*.

A ação que o corpo realiza por reflexos no presente se dá por movimentos determinados, enquanto que a ação escolhida antes de ser executada, ou seja, a

ação pensada é voluntária. O corpo, estando em meio a outros corpos e objetos, age escolhendo e espelhando o reflexo das ações recolhidas no presente. Bergson traz o conceito de *imagens* de forma inovadora no capítulo I de *Matéria e memória*.

Mas essa imagem muito particular, que persiste em meio às outras e que chamo meu corpo, constitui a cada instante, como dizíamos, um corte transversal do universal devir. Portanto é o lugar de passagem dos movimentos recebidos e devolvidos, o traço de união entre as coisas que agem sobre mim e as coisas sobre as quais eu ajo, a sede, enfim, dos fenômenos sensório-motores. (Bergson, 2010, p.177.).

Para Bergson, o nosso corpo é imagem por ser matéria, e a matéria é um conjunto de imagens. O corpo é uma imagem que persiste entre as percepções, a retenção e os movimentos, em comparação com as outras imagens ao redor do corpo. Bergson diz mais: é através do corpo e da mente que armazenamos a ação do passado.

Assim, ele chega à conclusão de que as lembranças passadas estão contidas em nós e conservam-se de maneira, *diferentes*, formulando a primeira proposição do segundo capítulo de *Matéria e memória*, onde Bergson, 1896, p. 84. Diz que: “[...] O passado sobrevive sob duas formas distintas: 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes [...]”.

Bergson quer dizer com isto que na realização de uma ação presente, a nossa memória, opera de forma ordinária em nós; ora agimos por meio dos movimentos dos mecanismos motores do corpo, repetindo os movimentos lembrados de acordo com as circunstâncias, ora agimos por meio de ações pensadas capazes de direcionar a ação atual necessária no presente.

A *representação* que fazemos de um objeto parte do sujeito, que guarda e conserva essas representações no espírito, mas como se conservam em nosso espírito essas imagens-lembranças, que surgem como representações no reconhecimento dos objetos? Como estas representações que fazemos no ato do reconhecimento se relacionam com os mecanismos motores do corpo? Esta seria uma pergunta bergsoniana.

Bergson diria, talvez, que o corpo busca no passado, por meio de uma lembrança, representações para reconhecer um objeto no presente. Diante de toda esta relação entre nosso corpo, nossas lembranças e as ações que executamos no mundo, o corpo encontra-se situado no presente a todo instante. Bergson diria que o nosso corpo é a última imagem que percebemos a todo o momento presente.

Assim como Paul Broca e Carl Wernicke, Bergson afirma que as lesões no cérebro podem atingir determinados movimentos e funções do corpo. O movimento do corpo é distinto das lembranças do movimento. Assim Bergson conclui a segunda proposição do segundo capítulo de *Matéria e memória* afirmando que só abolimos algo da memória quando sofremos uma lesão no cérebro. Bergson explica este processo na terceira proposição.

Passa-se, por graus insensíveis, das lembranças dispostas ao longo do tempo aos movimentos que desenham sua ação nascente ou possível. As lesões do cérebro podem atingir tais movimentos, mas não tais lembranças. (Bergson, 2010, p. 85.).

O corpo está presente no mundo material, o mesmo mundo em que se encontram os objetos. Os sentidos estão no corpo, para Bergson as percepções sensoriais imediatas, captadas pelo sujeito assim como os objetos, fazem parte da mesma realidade<sup>76</sup>. Toda percepção sensorial é receptiva, nossos sentidos captam o mundo, além disso, nós temos a imagem de nosso corpo.

Bergson diz que a experiência é necessária para confirmar essas três proposições supracitadas, assim ele destrincha cada uma das proposições através do exemplo da aprendizagem de uma lição através da leitura, afirmando que temos hábitos nos mecanismos motores e temos memórias como lembranças independentes.

Como produtos finais do processo de aprendizagem, acabamos por nos lembrar do momento anterior quando avançamos na lição — esse processo entre o corpo e o espírito se realiza de forma comum através na memória, como dirá Bergson.

A cada momento em que avançamos no processo do aprendizado, lembramo-nos do momento anterior aprendido e, no final de todo o processo de aprendizagem, o que nos resta é uma lembrança independente contida em nós, adquirida por meio das ações dos mecanismos motores do corpo e presente em nossa memória como uma lembrança daquilo que foi vivido.

A memória da lição aprendida de cor, ou decorada, segundo Bergson tem todo o perfil de um *hábito*. É um hábito, pois toda repetição de um mesmo esforço repetido é dada como hábito. Enquanto que o aprendizado de toda a lição é lembrado. As percepções dos nossos sentidos estão impregnadas de lembranças

---

<sup>76</sup>Ver Círculo-circuito (Bergson, 2010, p. 118.)

assim, coletamos e fixamos em nossas *memórias* as imagens captadas, seja de forma voluntária, seja de forma involuntária.

Bergson diz em *Matéria e memória*, no início do capítulo III, que a percepção dos sentidos não é um simples contato do espírito com o objeto presente, ele diz que o sujeito está impregnado de experiências que foram acumuladas por todo o seu passado, por isto que o sujeito consegue distinguir as experiências das percepções, o gosto da maçã, a cor vermelha, a melodia musical etc.

Elas se impregnam ainda mais, sempre que repetimos a ação por meio do corpo no presente, atualizando-as. Ele chamou essas experiências que o nosso espírito guarda, como uma imagem, de *lembrança-imagem*. Devemos nos atentar que a percepção é a atenção dos sentidos e não os sentidos em si: “[...] Entre a afecção sentida e a imagem percebida existe a diferença de que a afecção está em nosso corpo, à imagem fora de nosso corpo [...]”, (BERGSON, 2010, p. 273).

O exemplo da explicação de Bergson sobre a percepção de um ponto luminoso *P*, que projeta raios luminosos captados pela retina, exemplifica de forma muito clara a natureza de nossa percepção. Bergson diz que a imagem do que é percebido pelos mecanismos sensório-motores (os sentidos), envolvem todos os elementos necessários que participam do processo de percepção, tais como o ponto luminoso *P*, os raios que ele emite a retina e os nervos sensório-motores interessados, etc.

Todos estes elementos estão envolvidos de forma solidária e indeterminados por não haver uma precisão onde começa e onde termina a percepção. É por isto que o objeto percebido, para Bergson, está no mesmo campo da percepção, como ele explica em seus círculos-circuitos, no capítulo II de *Matéria e memória*. Bergson afirma que é no ponto luminoso *P*, apenas no ponto luminoso, que a imagem da luz percebida pela retina é formada e percebida.

De fato, não há uma imagem inextensível que se formaria na consciência e se projetaria a seguir em *P*, A verdade é que o ponto *P*, os raios que ele emite, a retina e os elementos nervosos interessados formam um todo solidário, que o ponto *P* faz parte desse todo, e que é exatamente em *P*, e não em outro lugar, que a imagem de *P* é formada e percebida. (Bergson, 2010, p. 41.).

A habilidade de reconhecermos os *objetos* em nossa mente, em nossas ideias, é explicada por Bergson de forma mais profunda, ele utiliza outros termos, tais como (i) a *lembrança-imagem*, que explica como neste processo psicológico,

sensório-motor do reconhecimento, as imagens interagem entre si, além do mais o filósofo nos traz também (ii) a *lembrança pura*.

### 3.2. LEMBRANÇA PURA, LEMBRANÇA IMAGEM E PERCEPÇÃO

Mas o que é a lembrança pura proposta por Bergson? Explicar a lembrança pura de forma breve é dizer que por hipótese ela é uma representação mental de uma imagem que não está diante da percepção do corpo. Por exemplo: percebo um objeto diante dos meus olhos, observo o objeto durante certo tempo analisando o máximo de características que este possui logo retiro o objeto da minha frente e tento lembrar-se de tudo que percebi quando o objeto estava diante de meus olhos.

Esta representação que faço do objeto que não está mais diante dos meus olhos encontra-se nas minhas lembranças puras, quando busco lembrar-se da imagem captada no passado ela se apresenta a minha consciência como uma lembrança, uma imagem, Bergson a chamou de *lembrança-imagem*. Mas a lembrança pura também pode ser representada como um campo profundo da mente, o qual armazena constantemente todas as imagens captadas pelos sentidos do corpo que está no presente em direção ao futuro.

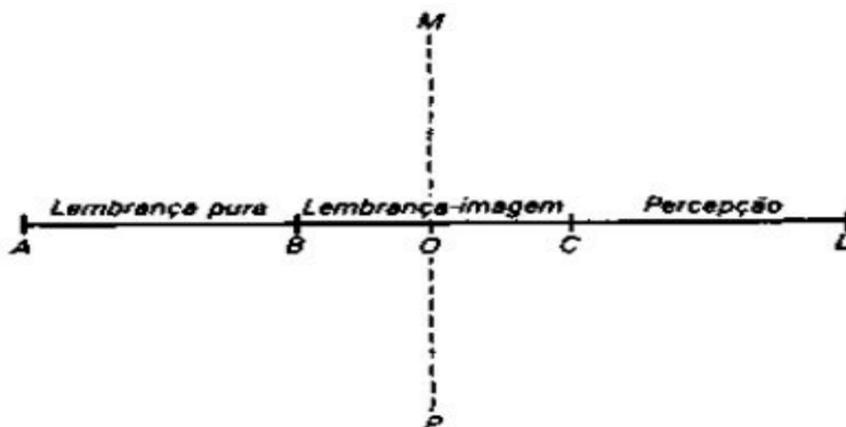
Nosso passado é guardado em uma espécie de memória que está disposta sempre que forçamos o espírito em busca da lembrança, sempre que a consultamos está lá como uma imagem, uma imagem que se apresenta para a consciência, quando fazemos este esforço a lembrança que estava guardada vai ao encontro da imagem que a representa – este encontro atualiza a lembrança no corpo, no cérebro.

A percepção não é jamais um simples contato do espírito com o objeto presente; está inteiramente impregnada das lembranças-imagens que a completam, interpretando-a. A lembrança-imagem, por sua vez, participa da "lembrança pura" que ela começa a materializar. (Bergson, 2010, p. 152.).

Quando não queremos lembrar, a tal lembrança volta a repousar no campo da lembrança pura, uma região inconsciente da mente disponível para o esforço da vontade do espírito, este campo da lembrança-pura nos acompanha e coexiste com a vida do corpo, acompanha o corpo em todo o seu presente como algo que dura, uma duração. Bergson explica através do gráfico abaixo como a *lembrança pura* se relaciona com a *lembrança imagem* e a *percepção*.

Façamos um breve resumo do que precede. Distinguímos três termos, a lembrança pura, a lembrança-imagem e a percepção, dos quais nenhum se produz, na realidade, isoladamente. A percepção não é jamais um simples contato do espírito com o objeto presente; está inteiramente impregnada das lembranças-imagens que a completam, interpretando-a. A lembrança-imagem, por sua vez, participa da "lembrança pura" que ela começa a materializar. (Bergson, 2010, p. 154.).

Figura 13 - **Gráfico Bergsoniano, lembrança pura, lembrança imagem e percepção.**



Fonte: Ilustração do livro *Matéria e Memória*, Martins Fontes (2010). p.152.

No gráfico acima Bergson distingue três termos, a lembrança pura (A—B), a lembrança-imagem (B—C) e a percepção (C—D), (M—P) representa a linha que corta o meio passando pelo centro (O) da reta (A—D) , Bergson afirma nesta representação que nenhum desses termos se produz isoladamente na realidade, ou seja, um termo depende do outro nesse processo em que envolve todos em conjunto, a percepção para Bergson não é apenas um contato direto do espírito com os objetos à nossa volta, a percepção segundo o filósofo está impregnada de lembranças-imagens, que nos auxilia no momento da percepção, interpretando o objeto.

Além do mais a lembrança-imagem também se relaciona com a lembrança pura, ou seja, a lembrança imagem tanto toca a lembrança pura como toca a percepção, a lembrança pura não se manifesta como a lembrança imagem, “[...] a não ser na imagem colorida e viva que a revela [...]” (BERGSON, 2010. p. 158.) Esta é independente de direito.

Bergson disse que no exemplo do gráfico nosso pensamento segue a reta (A—D), num movimento contínuo e que neste processo entre percepção e

lembrança pura, é difícil ou melhor, é impossível afirmar com precisão onde inicia um e onde termina o outro, portanto há uma relação homogênea entre os estados psicológicos representados no gráfico acima.

A crítica Bergsoniana ao associacionismo<sup>77</sup> em relação aos estados psicológicos no ato da percepção é que o composto substitui um ao outro gradativamente à medida que segue o sentido percepção, lembrança imagem, lembrança pura.

A percepção destituirá sempre a lembrança-imagem, e a lembrança-imagem a lembrança pura. Por isso mesmo a lembrança pura desaparece totalmente. O associacionismo, cortando ao meio por uma linha MO a totalidade do progresso AD, não vê na porção OD senão as sensações que a terminam e que constituem, para ele, toda a percepção; - e por outro lado ele reduz a porção AO, igualmente, à imagem realizada em que culmina, ao desabrochar, a lembrança pura. A vida psicológica resume-se então inteiramente nesses dois elementos, a sensação e a imagem. (Bergson, 2010, p.157.).

A partir de minhas análises vejo que a ponte que interliga a percepção dos objetos ao interior mental é obtida por meio dos cinco sentidos, percebemos o mundo pelos sentidos. Esta percepção que captamos através dos nossos sentidos está impregnada de lembranças, como afirmou Bergson e como reforçou Deleuze<sup>78</sup>.

Para Bergson os momentos temporais que avançam justificam este registro feito pela lembrança de forma ordenada espaço-temporalmente, o exemplo do pêndulo do relógio deixa claro que, para que haja um novo momento, um momento posterior é necessário, um momento que, por sua vez, encerre um momento anterior e assim sucessivamente — deste modo, cada momento se torna único.

No que diz respeito à percepção, nosso corpo, pelo lugar que ocupa a todo instante no universo, marca as partes e os aspectos da matéria sobre os quais teríamos ação: a percepção, que mede justamente nossa ação virtual sobre as coisas, limita-se assim aos objetos que influenciam atualmente nossos órgãos e preparam nossos movimentos. (Bergson, 2010, p. 209.).

---

<sup>77</sup> ASSOCIACIONISMO (in. Associationism, fr. Associationnisme, ai. Associazionstheorie, it. Associazionismo). Doutrina filosófica e psicológica cujo princípio explicativo da vida espiritual é a associação de idéias (v.). O pressuposto do A. é o atomismo psicológico, isto é, a resolução de cada evento psíquico em elementos simples que são as sensações, as impressões, ou, genericamente, as idéias. O fundador do A. é Hume, mas um de seus maiores divulgadores foi o médico inglês David Hartley (1705-57), segundo quem a associação de idéias é, para o homem, o que a gravitação é para os planetas: a força que determina a organização e o desenvolvimento do todo. (Abbagnano, 2007, p.85.)

<sup>78</sup> Bergson, Henri, 1859-1941.

Memória e vida / Henri Bergson; textos escolhidos por Gilles Deleuze; tradução Claudia Berliner; revisão técnica e da tradução Bento Prado Neto. - São Paulo: Martins Fontes, 2006. - (Tópicos).

## CONCLUSÃO

Concluo que a relação das duas memórias com os mecanismos motores do corpo para Bergson tem como base necessariamente um sistema nervoso central e periférico representado respectivamente por um cérebro e uma medula espinhal conectado a todo corpo.

A vida do corpo tem por funções básicas: perceber através dos sentidos, armazenar a lembrança espontaneamente e escolher a ação para mover-se no espaço, acumulando na mente, por meio de uma duração, os instantes sucessivos que o corpo atravessa.

O corpo recolhe as percepções através dos cinco sentidos, estes estão conectados diretamente ao cérebro por meio de sensores nervosos que levam à mente imagens, portanto o cérebro também tem por função atualizar o espírito através do corpo, podemos agir com o corpo, através de movimentos a partir de uma seleção, de uma escolha, além do mais, a memória armazena as informações coletadas e percebidas por meio dos sentidos como uma lembrança que se conserva no corpo.

Estas lembranças se apresentam à consciência por um esforço da vontade de querer lembrar, a lembrança dos movimentos aprendidos pelo corpo (*memória por hábito*) conclui a atualização e o processo de ação através dos movimentos do corpo no mundo.

Como diria Deleuze<sup>79</sup> (1999), a duração se atualiza no corpo tornando-nos indivíduos em construção e não indivíduos prontos, somos diferentes a cada instante que passa, somos seres mutáveis, sendo diferentes ao longo do tempo. Bergson disse que, se a parte que atualiza a imagem recolhida for abolida do cérebro, a lembrança-imagem correspondente a tal lembrança não se apresenta à consciência no ato da vontade de lembrar.

Do mesmo modo, as experiências recolhidas através da percepção dos sentidos registram e organizam os feixes de imagens captadas por meio de um mecanismo que envolve não somente os sentidos do corpo, mas as lembranças, que auxiliam no processo de reconhecimento dos objetos percebidos.

---

<sup>79</sup> Deleuze, Gilles, Bergsonismo / Gilles Deleuze; tradução de Luiz B. L. – Orlandi. - São Paulo: Editora 34. 1999.

Brenda Milner<sup>80</sup>, neurocientista, afirmou que o armazenamento de memórias explícitas e implícitas se dá em partes diferentes do cérebro e que o processo de armazenamento de lembranças e memórias envolve o córtex-pré-frontal, o hipocampo, as amígdalas, o estriado e o cerebelo, entre outras partes envolvidas no processo.

É Como se todas essas imagens captadas no presente de um corpo se juntassem em um único ponto mental, um centro que dura, um virtual que coexiste à vida do corpo. O corpo material e orgânico não me parece capaz de guardar a lembrança do passado de forma *qualitativa*.

Penso que ele não seria capaz: um organismo vivo que registra os instantes ultrapassa a capacidade da matéria. Para que um ser vivo guarde no próprio organismo a lembrança de algo que já passou, é necessário que o organismo tenha posse de um dispositivo interno capaz de armazenar memórias.

Estes instantes vividos pelo corpo que o sujeito tem e que o faz lembrarem-se do próprio passado deve ser característico de nossa espécie, pois o corpo não guarda os instantes passados no cérebro como um volume, como algo quantitativo e sim de forma qualitativa.

Com efeito, não há a presença de um reservatório que nos mostre o que está na memória de um sujeito, pois teria que haver provas materiais que comprovem essas lembranças presentes na matéria, que se acumulam à medida que o tempo avança.

Donde a estranha hipótese de lembranças armazenadas no cérebro, que se tornaram conscientes por um verdadeiro milagre, e nos reconduziram ao passado por um processo misterioso.(Bergson 2010, p. 98.).

O corpo não poderia guardar a lembrança da própria vida consciente se não fosse de forma virtual, subjetiva, imaterial, qualitativa, mental, psicológica, independentemente da massa corporal. Assim, se o passado sobrevive de algum modo na vida do corpo, isto se dá porque o corpo guarda os movimentos aprendidos e repetidos pelo hábito.

O corpo está em relação com a mente, uma mente que afirma uma personalidade, uma forma de ver o mundo, uma mente que sabe do que gosta e do

---

<sup>80</sup> KANDEL, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.148.

que não gosta uma mente que guarda as lembranças do passado. Penso que o corpo nos serve ou serve a mente como um *instrumento condutor*, como diria Bergson, o corpo é a ponte entre o mundo externo e a mente, o corpo é o presente entre as lembranças do passado guardadas na mente e os instantes futuros que sucedem os instantes seguintes, o cérebro é um atualizador das lembranças que dormem no silêncio da lembrança pura.

A lembrança pura é um profundo desconhecido, um inconsciente sempre disposto a nos servir e que se atualizam em nossas mentes todas as vezes que se opera o processo de reconhecimento dos objetos no mundo. Nestes casos, buscamos uma lembrança do passado, que se atualiza no presente do corpo, corpo este que é motor e disposto às vontades de uma mente, ele é uma potência muito bem entrelaçada à vida psicológica.

Quando procuramos algo em nossas lembranças, procuramos um registro virtual, uma representação mental, neste encontro a vontade de lembrar se atualiza em uma lembrança-imagem, que deve por natureza se apresentar à consciência. Estes elementos são virtuais e não é encontrado pelos aparelhos de imagem cerebral, o que encontramos neste caso é a atividade das células neurais.

A respeito destes elementos mentais, Bergson afirmou que estão num campo propriamente espiritual. O corpo nasce, cresce, para de crescer, envelhece e morre. A mente coexistente ao corpo e percebe o próprio movimento de desgaste da própria matéria que habita e, quanto mais o corpo se destina ao seu fim por um processo natural biológico e temporal (o envelhecimento, o desgaste), a mente continua a se expandir, a conhecer.

A mente não se basta das informações e dos conhecimentos que degusta e armazena ao longo da vida do próprio corpo, sempre tem espaço pra aprender algo novo. Enquanto a vida marcha para seu fim, como toda matéria submetida ao tempo e ao espaço, a mente se preenche de imagens recolhidas pelo estofado do presente da vida do corpo, até o fim da vida no envelhecimento.

Neste caso, o que temos é um corpo fraco e uma mente repleta de memórias, lembranças, informações recolhidas ao longo da duração guardada, a lembrança no espírito de tudo que viveu o corpo ou a matéria é uma testemunha, cujo fim é a morte, logo o desaparecimento.

No trecho abaixo, Bergson constata que quando o sistema nervoso é perturbado há uma exaltação da memória espiritual. Penso que isto significa que o sistema nervoso é um meio entre a matéria e a memória, e quando o espírito é desligado do corpo, a memória que é espiritual pode sofrer uma alteração pessoal em cada sujeito que carrega no espírito suas lembranças pessoais, memórias da própria vida.

Portanto, ou nossa distinção de duas memórias independentes não têm fundamento, ou, se ela corresponde aos fatos, deveremos constatar uma exaltação da memória espontânea na maioria dos casos em que o equilíbrio sensório motor do sistema nervoso for perturbado. (Bergson, 2010, p. 93.).

No trecho acima Bergson destaca a memória espontânea como sendo a memória principal aquela que não está no corpo como um presente, mas como um acúmulo de passado, ele afirma que ela não está no corpo, mas que ela é afetada ou alterada pelo corpo através do sistema nervoso central e periférico.

Pretendo continuar com essas investigações filosóficas, pois desde que escolhi a filosofia como um meio de investigar os fenômenos e os mistérios da vida humana bem como encontrar a solução para os problemas que nos afetam como seres vivos portadores de memória que na filosofia o caminho ou o meio para que possamos chegar a conclusões mais consistentes sobre a origem e o destino de nossa espécie, juntamente com as ciências nos auxiliando no entendimento e no destino que nos aguarda no sentido de entender a nossa própria evolução e o sentido da vida.

Para finalizar gostaria de dizer que para mim o filósofo Henri Bergson assim como todos os filósofos, cientistas e médicos que foram citados neste trabalho e outros que não foram citados, foram de extrema importância para que eu pudesse embasar as teorias trazidas pelo Bergson assim como pude mostrar as referências existentes que estão envoltos a estes assuntos, os quais foram tratados aqui neste trabalho com o objetivo maior de esclarecer o tema escolhido e de buscar soluções embasadas para resolver os problemas que possam surgir e os que ainda rondam dentro da filosofia como algo que se exige um maior esclarecimento.

Bergson vai além, ele vai além de suas teorias filosóficas metafísicas nos possibilitando conhecer ainda mais sua filosofia, propondo-nos ver o mundo e a vida por um viés detalhado e profundo em todos os sentidos, pretendo continuar

seguindo a mesma linha de investigação filosófica para contribuir e colaborar com o desenvolvimento dos conhecimentos filosóficos e o desenvolvimento das ciências.

E é partir desta linha de conhecimento filosófica e científica a qual eu pretendo seguir, investigando a relação mente e corpo que desejo trazer novas descobertas e novas teorias que nos possibilite conhecer cada vez mais sobre a nossa espécie, quem somos, de onde viemos e para onde iremos, finalizo aqui este trabalho com muita satisfação, alegria e orgulho, pois valeu a pena todo esforço e todo tempo que me dediquei para concluir o curso de filosofia e produzir este trabalho de conclusão.

## REFERÊNCIAS

Abbagnano, Nicola, 1901-1990. Dicionário de filosofia/Nicola Abbagnano; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 5ª ed. - São Paulo : Martins Fontes, 2007.

Agostinho, S. O Homem e o Tempo. In: Confissões. 10. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1981.

Allen Starr, "Apraxia and Aphasia" {Medical Record, 27 de outubro de 1888}.

Alliez, Éric. Deleuze filosofia virtual / Éric Alliez ; tradução de Heloisa B.S. Rocha — São Paulo : Ed. 34, 1996 80 p. (Coleção TRANS).

Argan, G. C. Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia de Letras, 1992.

Aristóteles. Da geração e da corrupção seguido de convite à filosofia. Tradução de Renata Maria Pereira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2001.

Aristóteles. De anima. Tradução Marília Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

Austin, J. L. Sentidos e percepção; [tradução Armando Manoel Mora de Oliveira].. 2a Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2014. – (Tópicos).

Benson, D. F.:Aphasia, Alexia, and Agraphia. New York, Churchill Living-stone, 1979.

Bergson, Henri, Memória e vida; textos escolhidos por Gilles Deleuze; tradução Claudia Berliner; revisão técnica e da tradução Bento Prado Neto. - São Paulo: Martins Fontes, 2006. - (tópicos).

Bergson, Henri, Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; tradução Paulo Neves. – 4a. Ed. – São Paulo: Es. WMF Martins Fontes, 2010. – (biblioteca do pensamento moderno).

Berkeley, George. Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano; [tradução Antônio Sérgio]. — 3. ed. — São Paulo:Abril Cultural 1973.

Berkeley, George. Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano; [ tradução Antônio Sérgio]. — 3. ed. — São Paulo: Abril Cultural 1984.

Bornheim, Gerd. Os Filósofos Pré-Socráticos. São Paulo: Cultrix, 1994.

Broca, P. (1867). La trépanation chez lês Incas. Bulletin de l'Académie Nationale de Médecine, 32, 866-871.

- Cassirer, Ernst. A Filosofia do Iluminismo. Trad. Álvaro Cabral. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1992.
- Clower, W. T., & Finger, S. (2001). Discovering trepanation: The contribution of Paul Broca. *Neurosurgery*, 49(6), 1417-1426.
- Collado-Vázquez S Carrillo JM. Cranial trepanation in The Egyptian. *Neurologia*. 2014;29(7):433-40.
- Costa, A. Heráclito. Fragmentos contextualizados. Tradução, apresentação e comentários: Alexandre Costa. Rio de Janeiro: Difel, 2002. (Frag. 49a) e 2) "não é possível entrar duas vezes no mesmo rio" (Frag. 91).
- Deleuze, Gilles, Bergsonismo / Gilles Deleuze; tradução de Luiz B. L. – Orlandi. - São Paulo: Editora 34. 1999.
- Deleuze, Gilles (2006). Diferença e repetição. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. p. 14-15.
- Demócrito, fragmento B125, in BORNHEIM, G. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix, 2000.
- Descartes, René, *Meditações Metafísicas/Discurso do Método*. São Paulo: Abril, 1983. (Os Pensadores).
- Espinosa, B. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1979.
- Fleischmann.B. Em busca da memória - Eric Kandel 2016. (1h34m42s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iYKQQ0lc470&t=607s>>. Acesso em: 02 jan. 2018.
- Foucault, Michel. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva. 2008.
- Foucault, Michel. Loucura, literatura, sociedade. In: Motta, Manoel Barbosa (Org.). *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- F. Moutier, L 'aphasie de Broca, Paris, 1908.
- Freud S. A. O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago; 1976.
- Freud S. A interpretação dos sonhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago; 1987.
- Gazzaniga, S. M.; HEATHERTON. *Ciência Psicológica: mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artemed, 2005.
- Gomes MM. Marcos históricos da Neurologia. Rio de Janeiro: Editora Científica Nacional, 1997.

- Hegel, G. W. F. Fenomenologia do Espírito. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- Hegel, F. Fenomenologia do espírito. Trad. P. Meneses. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Histologia Básica – Luiz C. Junqueira e José Carneiro. Editora Guanabara Koogan S.A. (10º Ed), 2004.
- Hume, D. Investigação sobre o conhecimento humano; (tradução Leonel Vallandro). — 3. ed. — São Paulo: Abril Cultural 1984.
- Hume, David (2011). Tratado da natureza humana. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: Unesp.
- Janet, P. Les obsessions et la psychasthénie, Paris, F. Alcan, 1903 (em particular p. 474-502).
- Jung CG. Memórias, Sonhos e Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1988.
- Kandel, Eric R.; Schwartz, James H.; Jessel, Thomas M. PRINCÍPIOS DA NEUROCIÊNCIA, 4ª Edição, Ed. Manole, Barueri-SP, 2003.
- Kandel, Eric R, Em busca da memória: O nascimento de uma nova ciência da mente, tradução Rejane Rubino. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Kant, I. Crítica da razão pura. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril, 1980. (Coleção Os Pensadores).
- Kant, I. O que é o iluminismo. Trad: Artur Morão . São Paulo:ed.lusosofia, 2006.
- Kussmaul, *Les troubles de la parole*, Paris, 1884, p. 233 ; - Allen STARR, Apraxia and Aphasia (*Medical Record*, 27 octobre 1888). - Cf. LAQUER, Zur Localisation der sensorischen Aphasie (*Neurolog Centralblatt*, 15 juin 1888), et DODDS, On some central affections of vision (*Brain*, 1885).
- Leibniz, G. W. Discurso de metafísica. Tradução de Marilena de Souza Chauí. In: Os pensadores: Newton / Leibniz. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 117-152. Leibniz, "Specimen dynamicum" (Mathem. Schriften, Gerhardt, 2 a seção, 2o vol.
- Leibniz, G. W. Novos ensaios sobre o entendimento humano. Tradução e introdução: Adelino Cardoso. Lisboa: Colibri, 2004.
- Leucipo, fragmento B2 (AÉCIO, I, 24, 4). In: Pré-Socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- Lichtheim, "On Aphasia" (Brain, 1885).
- Martin, Jhon H. Neuroanatomia texto e atlas, editora AMGH, 4ªedição 2013.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção* (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945).

Morais, Alberto Parahyba Quartim de - O Livro do cérebro. Vol 1. São Paulo. SP, Editora Duetto - 2009.

Morato, Débora P; Consciência e Memória. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

Parmênides. Fragmentos: sobre a natureza. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Platão. 1988. Fédon. Coimbra/Portugal: Minerva. 2005. Oevres Complètes, Tome IV, 1 partie, PHÉDON. Paris: Les Belles Letres.

Platão. Mênon. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio / São Paulo: Edições Loyola, 2001. Tradução de Maura Iglesias.

Platão. Diálogos vol. 1. Teeteto, Sofista, Protágoras. Bauru: Edipro, 2007.

Plotino. *Enéadas*. Introducciones, traducciones y notas de J. Igal. vols. I-III. Madrid: Gredos, 1992.

Revista Filosofia Especial Grécia, São Paulo: Escala, n.1, março. 2001. p.39.

Ribot, Les maladies de la mémoire, Paris, 1881, p. 10.

Schiller F. Paul Broca. Oxford: Oxford Univ Press, 1992.

Worms, Frédéric, Bergson ou os dois sentidos da vida; tradução de Aristóteles Angheben Predebon. – São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

